

**UniAGES
Centro Universitário
Licenciatura em Letras**

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA FEITOZA

**“NA LÍNGUA, NADA É POR ACASO”:
A etimologia latina como ferramenta didática no ensino de
Língua Portuguesa**

**Paripiranga
2021**

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA FEITOZA

**“NA LÍNGUA, NADA É POR ACASO”:
A etimologia latina como ferramenta didática no ensino de
Língua Portuguesa**

Monografia apresentada no curso de graduação do Centro Universitário AGES, como um dos pré-requisitos para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador(a): Prof.^a Ma. Josefa Risomar Oliveira
Santa Rosa

Paripiranga
2021

	Feitoza, Vitória Régia da Silva, 1998
	“NA LÍNGUA, NADA É POR ACASO”: A etimologia latina como ferramenta didática no ensino de Língua Portuguesa – Paripiranga, 2021.
	57 f.: il.
	Orientadora: Prof. ^a Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa
	Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – UniAGES, Paripiranga, 2021.
	1.Latim. 2. Língua Portuguesa. 3. Ensino. I. Título. II. UniAGES.

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA FEITOZA

**“NA LÍNGUA, NADA É POR ACASO”:
A etimologia latina como ferramenta didática no ensino de Língua
Portuguesa**

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção do título de licenciada em Letras à
Comissão Julgadora designada pela Coordenação de
Trabalhos de Conclusão de Curso do UniAGES.

Paripiranga, 14 de julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Josefa Risomar Oliveira Santa Rosa

Orientador(a): UniAGES



Prof.^a Dra. Jaqueline Carvalho Martins Oliveira
Examinador(a): UniAGES

A Lucineia e Givanildo, meus pais, principais responsáveis por tudo que sou. Dedico este trabalho a eles, que em meio a tantas lutas, nunca deixaram me faltar amor e uma educação de qualidade. Agora, eles têm a sua primeira filha formada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu refúgio, fonte de amor, força e esperança. Primeiramente a ele, que me sustentou até o último instante, durante todos esses anos da minha vida. Pois, só a ti senhor, destino toda honra e toda glória.

A Faculdade Ages, pelo privilégio de me proporcionar uma educação de qualidade, por todo conhecimento e pelas possibilidades únicas vivenciadas nesses quatro anos.

A orientadora, professora Josefa Risomar, por toda a sabedoria, compreensão e auxílio destinado a mim, durante a trajetória e construção deste trabalho.

A coordenadora e professora Erika Fernanda, pela excelente profissional e ser humano ímpar que é.

A todos os professores que acompanharam a minha trajetória na universidade. Em especial, a minha doce professora Aurélia, ser humano e profissional inigualável, de alma pura e coração gigante, que além de professora, se tornou uma grande amiga que levarei para o resto da vida; A professora Jaqueline, profissional incrível e pessoa responsável pelo despertar do mais puro sentimento pela profissão escolhida e pelo amor inestimável pela língua que enraizei em mim; Ao professor Glaydston, grande mestre estimado que me fez enxergar a literatura como a arte da vida e poder de transformação. As minhas queridas professoras: Gilza Cruz, Itana Virginia, Karina Sales, Géssica Amarante e ao professor Maurício Ramon. A todos vocês, minha eterna gratidão.

A minha família, em especial aos meus pais, responsáveis por tudo que sou. A minha linda mãe, mulher guerreira, que desde sempre lutou para oferecer a sua família o melhor e que sempre me apoiou nos momentos que eu mais precisei. Mãe, te amar e ser amada me fez ser forte e finalmente conseguir alcançar o meu sonho. Obrigada por todo o seu amor. Por isso, a senhora, eu dedico essa vitória que não é só minha, é nossa; Ao meu pai, homem honesto, humilde e bondoso, dono de um coração grandioso. Obrigada por toda ajuda e amor depositado a sua primogênita. Pai, essa vitória é sua também.

As minhas irmãs, Laura e Lívia; As minhas tias: Luciene, Magna, Ivone e Vanuzia; As minhas primas inseparáveis: Lorena, Larissa e Yanne. Muito obrigada por

todo amor destinado a mim. A vocês, que sempre torceram pelo meu sucesso, eu dedico esta conquista.

Aos meus avós paternos Rita (*in memorian*) e Hercílio (*in memorian*); Aos meus avós maternos Pedro e Adalva; Aos meus padrinhos Manoel (*in memorian*) e Alaide. Obrigada por todo cuidado e carinho. A vocês, eu dedico todo o meu amor e a minha eterna gratidão.

Aos meus diletos colegas de faculdade: Eduarda; Ortência; Joana, Tarcysa; Piedade; Joana Aparecida; Vital; Elan; Janiele; Johnny; Sabrina; Dayane; Maurilio e Mayra. Em especial, as minhas amigas lindas: Adirene, pelo seu companheirismo, carinho e amizade que sempre teve comigo; Bia, minha duplinha favorita e fiel companheira, obrigada por todos os momentos compartilhados comigo durante esses quatro anos, você sem dúvidas, foi alguém essencial para esta conquista.

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas...

Marcos Bagno

RESUMO

Este trabalho visou fomentar o uso do Latim nas aulas de Língua Portuguesa como ferramenta didática que possibilita ao educando um conhecimento mais amplo a respeito da história da sua língua. A língua latina, conhecida como a língua mãe do português se encaixa nesse contexto como facilitador de ensino que trabalha a lógica, o raciocínio, e o conhecimento sobre fatores linguísticos na morfologia e no léxico. Foi proposto por meio da produção de uma árvore genealógica, ver, de maneira explícita, as influências e derivas deixadas pelo latim em muitos termos na Língua Portuguesa. Essas influências rodeiam a Língua Portuguesa desde a sua história como língua oficial do Brasil, seja de maneira consciente ou inconsciente. Alguns desses fenômenos também encontram-se presentes na variação linguística e a falta de conhecimento etimológico a respeito desse assunto é o que, muitas vezes, acarreta o preconceito linguístico na sociedade por alguns falantes. Ensinar esses aspectos e fenômenos presentes na Língua Portuguesa, torna-se importante na compreensão do porquê o falante recupera e retira fragmentos do Latim para a composição ou criação de novas palavras. E, dessa forma, levando ao aluno entender que esses fenômenos presentes na língua, não são por acaso.

PALAVRAS-CHAVE: Latim. Língua Portuguesa. Ensino. Morfologia. Léxico.

ABSTRACT

This work aimed to encourage the Latin use in Portuguese language classes as a didactic tool that enables the student to have a broader knowledge of their language history. Latin language, known as the mother tongue of Portuguese, fits into this context as a teaching facilitator that works with logic, reasoning, and knowledge about linguistic factors in morphology and lexicon. It was proposed through a family tree production, to see, explicitly, the influences and drifts left by Latin in many terms in the Portuguese language. These influences surround the Portuguese language since its history as the official language of Brazil, whether consciously or unconsciously. Some of these phenomena are also present in linguistic variation and the lack of etymological knowledge about this subject is what often leads to linguistic prejudice in society by some speakers. Teaching these aspects and phenomena present in the Portuguese language becomes important in understanding why the speaker retrieves and removes Latin fragments for new words composition or creation. And, in this way, leading the student to understand that these phenomena present in the language are not by chance.

KEYWORDS: Latin. Portuguese language. Teaching. Morphology. Lexicon.

LISTAS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Origem da Língua Portuguesa	34
Figura 2 - Nível Morfológico	36
Figura 3 - Nível Lexical.....	36
Figura 4 - Nível Morfo-lexical	37
Figura 5 - Exemplo do produto (Árvore genealógica - Raízes da LP)	41
Figura 6 - Léxico: científico e popular	43
Figura 7 - Exemplo Árvore - Projeto.....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Morfológico	38
Tabela 2 - Lexical.....	39
Tabela 3 - Sinônimos	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estrutura projeto	44
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MARCO TEÓRICO	13
2.1 Filologia Românica, a ciência: um breve relato sobre a origem do latim	13
2.2 Variação Linguística: todos somos doutores na língua	17
2.2.1 Variação Linguística e sua relação com a história da língua latina	21
2.3 A influência histórica: o Latim e o ensino de Língua Portuguesa.....	23
2.4 O Inconsciente Linguístico	27
3 MARCO METODOLÓGICO.....	29
3.1 O tipo da pesquisa	30
3.2 O Nível da Pesquisa	31
3.3 Procedimentos, Técnica e Profundidade da pesquisa.....	31
3.4 População e amostra	32
4 MARCO ANALÍTICO	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Dede a antiguidade, a língua serviu e serve como meio de comunicação e interação social para as civilizações. Como instrumento social, tornou-se viva e foi se modificando ao longo dos tempos. Algumas línguas foram se esvaziando e aos poucos deixando de ser faladas, porém, mesmo assim, deixaram algumas influências nas novas línguas que iam se originando, influências essas, que permeiam na história das línguas até os dias de hoje.

É nesse sentido, que o presente trabalho monográfico ressalta um olhar linguístico e histórico para as aulas de Língua Portuguesa no ensino básico brasileiro, isto é, ele trará uma abordagem sobre o Latim como forma de instrumento didático para o ensino e entendimento da Língua Portuguesa (LP), o qual passará por facetas desde a Filologia Românica, até o fenômeno da variação linguística e um breve resumo sobre paradigmas a respeito do preconceito linguístico. Nisso, tendo o Latim como ponto de partida, serão investigados os aspectos que envolvem a origem da língua até suas influências linguísticas presentes na atualidade.

A Língua Portuguesa percorreu muitos caminhos até se tornar uma língua oficial, ela tem como sua veia maior e raiz fortificada: o Latim. Designado e chamado de língua mãe, o Latim até os dias atuais, tem influência no vocabulário português. Por isso, o trabalho foi desenvolvido através da necessidade de proporcionar uma ferramenta didática ao ensino de Língua Portuguesa que servisse como resposta, ou seja, que oferecesse um conhecimento histórico no entendimento que existe por trás de fenômenos presentes na língua, que no ensino básico, muitas vezes, não permite ao aluno alcançar.

A problematização da pesquisa se consolida na compreensão de que nas aulas de Língua Portuguesa, não são ensinados, de maneira explícita, alguns conteúdos morfológicos e lexicais que carregam consigo um conhecimento histórico por trás, os quais foram influenciados diretamente ou indiretamente pela Língua Latina. Nesse sentido, nasce a necessidade de saber como a aprendizagem desses traços deixados pelo Latim no Português podem servir de recurso didático e facilitador para as aulas de LP.

Sabendo que o Latim é uma língua considerada por muitos como (morta) e que o Português é uma língua (viva), a problematização desse trabalho surgiu através de questionamentos voltados para a compreensão do porquê o português (vivo), muitas

vezes, retomou/retoma ao Latim (morto) para criar novos adjetivos? E o porquê suas influências na língua ainda são tão vivas? Entender essas influências como instrumento de conhecimento da língua que falamos, vem como articulador entre história e conhecimento. É nesse sentido, que surge a necessidade de estudar essa etimologia latina.

O trabalho tem como objetivo geral, compreender, a partir da história da língua, como o Latim pode servir de facilitador nas aulas de Língua Portuguesa. Como objetivos específicos; mostrar as influências do Latim deixadas na Língua Portuguesa; selecionar termos (adjetivos, substantivos, sinônimos, etc.) e apresentar sua forma etimológica e seus significados históricos; produzir uma árvore genealógica da história da Língua Portuguesa.

A importância deste trabalho justifica-se numa abordagem voltada para o ensino do Latim nas aulas de Língua Portuguesa de forma explícita, o qual pode auxiliar no ensino-aprendizagem e trazer consigo algo que visa trabalhar o raciocínio lógico e o conhecimento histórico de muitos termos presentes no Português. Trazendo assim, a Língua Latina como algo que fora ensinado de maneira apenas implícita, como algo que pode passar a ser ensinado e transmitido nas aulas de Língua Portuguesa de maneira mais clara. Apresentando, dessa forma, a retomada do “velho ao novo” ao ensino de língua.

O trabalho num viés significativo para o ensino básico, visa mostrar conteúdo de relevante importância, porém ainda pouco utilizado. Por isso, o Latim como língua mãe, merece ser mais destacado nas aulas de LP. Devido as principais mudanças na passagem do Latim para o português, como na morfologia e no léxico, nasce a existência do conhecimento do Latim para a melhor compreensão de muitos fenômenos linguísticos na sociedade não estudados em sala de aula. Pois, como diz Marcos Bagno (2007): “Nada na língua é por acaso”.

Sobre a metodologia do trabalho, trata-se de uma pesquisa com teor exploratório, enquanto ao tipo qualitativo, tendo em vista sua profundidade, que possui levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica do trabalho.

O presente trabalho está organizado em três partes: introdução, desenvolvimento e considerações finais. A primeira traz feitiços introdutórios, que conta com uma apresentação prévia do trabalho.

A segunda parte, o desenvolvimento, está dividido em três capítulos: O primeiro, o Marco Teórico que passeia pelo conceito de Filologia Românica ao olhar

de autores como Basseto (2005) e Faraco (2005), além de contar uma breve história da língua latina. Em seguida, o capítulo mostra que todos somos capazes de dominar a nossa língua, retratando a variação linguística e seus muitos aspectos de acordo com os autores Bagno (2007), Viotti (2008) e Fiorin (2018), assim como, a abordagem sobre a temática do preconceito linguístico com Bagno (1999). Nesse sentido, entra na discussão sobre a relação do Latim e do ensino de LP com Bortolanza (1997) e Silva (2012). E, para fechar, traz também discussões voltadas para o chamado inconsciente linguístico ao olhar de Oliveira (2009).

O segundo capítulo do desenvolvimento, relata todo caminho que foi percorrido para a realização do trabalho, isto é, o marco metodológico, o qual serviu de base na elaboração para a qualificação da pesquisa.

Nesta direção, o trabalho é conta com o terceiro e último capítulo do desenvolvimento, o qual traz o marco analítico, relatando a reapresentação do objeto de pesquisa e exemplos ilustrativos do produto do presente trabalho.

2 MARCO TEÓRICO

Este capítulo visa contextualizar a Língua Portuguesa, no tocante, ao Latim, fazendo um apanhado teórico passeando sob suas raízes, isto é, revisitando a Filologia Românica até estudos atuais sobre o tema aqui trabalhado. O mesmo está dividido em quatro itens. O primeiro, intitula-se: *Filologia Românica, a ciência: um breve relato sobre a origem latim*, relata definições e conceitos sobre o assunto. Esse primeiro item, traz um sucinto relato da história do latim, tecendo alguns dados acerca do percurso e origem.

O segundo item tem como título: *Variação Linguística: todos somos doutores na língua*, o qual apresenta a compreensão de que todos podemos dominar a língua que falamos. Relatando o conceito de variação linguística, como elas surgem e quais seus tipos de acordo com as influências internas e externas desde as suas ramagens nos conceitos de linguística, língua e linguagem e, assim forme um entendimento sobre o fenômeno da variação como um todo. Relacionando-se ao ponto de estudos sobre a norma padrão e o preconceito linguístico.

O terceiro item, nomeado como: *A influência histórica: relação do Latim com o ensino de Português*, mostra os traços da língua mãe deixados no idioma brasileiro em seus aspectos morfológicos e lexicais. Assim como, a funcionalidade dessa relação e importância enquanto ferramenta didática no ensino de Língua Portuguesa.

O quarto e último item, tem como título: *O Inconsciente linguístico*. Nele é apresentado a questão de que os fatos aqui trabalhados podem ser algo que está intrínseco nos falantes, isto é, que as variações ou derivas existentes no português são algo que podemos supor que carregamos no chamado inconsciente linguístico e que está presente em cada indivíduo. Levando ao entendimento que, isso é algo que não podemos tratar como um fator de coincidência ou meramente banal.

2.1 Filologia Românica, a ciência: um breve relato sobre a origem do latim

Para compreender a língua de um povo é necessário voltar até suas origens e entender o todo que a envolve. Para compreendermos historicamente as raízes da língua portuguesa e, respectivamente do latim, torna-se essencial a compressão a respeito do conceito de Filologia Românica que, segundo Coutinho (1976, p. 17): “é a ciência que estuda a literatura de um povo ou de uma época e a língua que lhe serve

de instrumento”. O autor ainda salienta que ela nasceu da necessidade que os povos antigos tinham de explicar os textos arcaicos dos seus monumentos literários e religiosos. Nesta direção, Gonçalves (2011, p. 49) acrescenta que:

Filologia é uma disciplina com enfoque histórico, cultural e memorialista, que promove uma articulação dialógica com a Linguística Histórica, a Paleografia, a Diplomática, a Historiografia, entre outras áreas do saber, utilizando-se também da língua como um meio para desenvolver o estudo, a análise, a interpretação e a restituição de seu objeto de estudo, o texto.

Corroborando com a conceituação acerca da Filologia Românica, Muller (2010) salienta que essa foi muito usada “para nomear atividades e indagações que tinham a finalidade de preservar e fixar os textos. Além disso, para designar os homens eruditos que se debruçavam nas ciências da linguagem – os chamados filólogos: amigos da palavra” (idem, p. 01).

Nesse sentido, o termo Filologia está bastante ligado ao adjetivo Românica. No qual, juntos dão nome ao estudo histórico-comparativo das línguas descendentes do latim. Porém, na prática, dá-se, muitas vezes, ao estudo das transformações do latim até a língua portuguesa (MARTINS, 2005 *apud* VASCONCELOS, 1959).

Em estudo, o termo Românico origina-se da palavra Romano, a qual é provinda de Roma. Segundo Bassetto (2005), a Filologia Românica tem como objetivo próprio as línguas e dialetos que tiveram origem a partir do latim, além de suas respectivas literaturas de qualquer espécie, desde sua origem até como se encontram na atualidade.

O latim é uma língua que se desenvolveu a partir do século VII a.C. na região do Lácio, que em latim significa *Latium*, local onde foi fundada a cidade de Roma e também onde nasceu a chamada civilização latina. Ele era falado pelos habitantes do Lácio durante o período das grandes expansões territoriais (RIBEIRO, 2015).

O latim com o passar dos tempos, se dividiu nas chamadas línguas românicas. O qual originou o processo de reintegração das línguas que foi chamado de Romanização e entende-se como a assimilação cultural e linguística da civilização latina. É também considerado um fenômeno único na história da humanidade (BASSETTO, 2005).

Nesse contexto, Teixeira (2011) relata que as línguas românicas se originaram do latim, mas não do latim clássico, isto é, do latim literário, falado pela classe alta da sociedade, mas sim do latim vulgar, uma língua dita como popular e comum

empregada pelos romanos, especialmente aqueles pertencentes às camadas menos prestigiadas da sociedade romana, a qual se movimentava linguisticamente, enquanto o latim clássico tinha uma linguagem que permanecia sem alterações.

O processo de romanização foi caracterizado como ponto inicial das mudanças sofridas pelo latim. As guerras e suplantações realizadas pelos romanos podem ser designadas como um pressuposto linguístico, já que por causa delas aconteceu as primeiras causas das transformações linguísticas. O processo de romanização deu início nas mudanças linguísticas que o latim viria sofrer, pois ao ser incluído dentro de um grande território passou a influenciar e ser influenciado por outros idiomas existentes naquela época. Nesse sentido, pode-se dizer que esse processo é responsável pela difusão da língua latina, bem como o início de uma evolução que daria vida as novas línguas. A romanização teve início em 218 a.C. com a invasão dos romanos na Península Ibérica. Nesta direção, Jesus (2007, p. 3) discorre que:

Como os povos suplantados passaram a se comunicar também por meio da língua latina, a expansão tornou-se mais ativa, acabando por tomar o lugar das línguas nativas e por meio disso, os povos incorporavam-se pouco a pouco aos romanos, estes tinham certo interesse em firmar poder também pela língua, assim a romanização era baseada na organização de atingir primeiramente governantes, oficiais, funcionários, negociantes e outros, que eram tidos como os donos do poder, para depois chegar até a classe menos favorecida por meio de pessoas da comunidade que já haviam sido latinizadas. Em decorrência, surgia o interesse em aprender e educar as crianças na vertente latina, fazendo com que esta língua se fixasse definitivamente em algumas regiões com certo tempo que, vezes e vezes, duravam séculos. Anos mais tarde esta mesma língua daria origem a várias outras línguas que se denominariam línguas românicas.

Durante os processos de expansão de Roma, aconteceu à dissimilação e miscigenação do latim, língua que era falada pelos colonizadores, gerando as diferenças de “dialetos” do latim, mesmo sendo imposta como instrumento cultural de colonização. O latim não fugiu das várias mudanças estruturais e dialetais decorrentes do contato com a variedade de povos da Península e outras regiões que foram atingidas por esse processo. Nisso, o latim vulgar como língua viva ficou sujeito as constantes modificações, as quais desenvolveram-se nas chamadas línguas neolatinas ou línguas românicas (JESUS, 2007).

Nesse entendimento, Elia (2003, p. 13) diz que; “a fase do Romanço representa uma cesura, uma transição em que os estratos e linguísticos foram desintegrados e, em seguida, reintegrados de maneiras diferentes”. Seguindo esta mesma linha de

estudo, Bassetto (2005, p. 152) acrescenta que o latim se desagregou nas chamadas dez línguas românicas, nas quais o português se integra. “As Línguas Românicas surgem e se desenvolvem nas províncias em que a latinização lançou raízes mais profundas e resistentes a mudanças políticas e sociais”.

Sobre as línguas, no tocante, o latim: língua desintegrada no processo de romanização e seu paradigma de língua considerada morta, Faraco (2005, p. 45) diz que “é óbvio que, se uma língua deixar de ser falada, ela não conhecerá mais, por isso mesmo, mudanças. O desaparecimento de uma língua é resultado do desaparecimento da própria sociedade que a fala”. O autor ainda salienta que, com o latim, torna-se um pouco diferente. É sabido que nenhuma sociedade fala hoje o latim propriamente dito. No entanto, ele continua sendo falado, de certa maneira, embora de forma bastante alterada, pelas sociedades que falam as chamadas línguas românicas como o português, o espanhol e o francês, por exemplo.

Mesmo que se possa dizer que o latim está extinto, o fluxo histórico nunca se interrompeu, isto é, existiu um longo, complexo e, principalmente, ininterrupto processo histórico de transformações do latim que teve resultado as diferentes línguas românicas (FARACO, 2005).

Por isso, não é possível dizer que num determinado momento o latim, deixou diretamente de ser falado e foi integralmente substituído pelo português. Já que, as mudanças foram lentas, graduais, regulares e resultaram ao longo de vários séculos em uma forma de falar que, identificada com o Estado que se formou no ocidente da Península Ibérica, acabou recebendo o nome de português (FARACO, 2005).

Sobre a história interna e a história externa da língua, Faraco (2005) relata que nos manuais mais antigos de linguística histórica, era de costume operar com uma separação entre história interna e externa da língua que pode, de certa forma, ser aproximada da distinção entre encaixamento estrutural e social, embora o quadro teórico de referência por trás de cada uma seja diferente. Entende-se por história interna o conjunto de mudanças ocorridas na organização estrutural da língua no eixo do tempo; e, por externa, a história da língua no contexto da história social, política, econômica e cultural.

O conhecimento da língua portuguesa se concretiza nesses dois pilares, o latim e a história interna e externa da língua. Foi do latim que a língua portuguesa herdou quase tudo, isto é, o léxico e a estrutura gramatical. Nisso, é impossível entender a língua sem um aprofundamento diacrônico até o latim. A Filologia Românica é a ponte

entre a língua latina e o português, já que traz uma abordagem voltada para a fase de transição, na qual a língua começa a adquirir os contornos que vão resultar em uma nova língua (BASSETTO, 2005).

Nesse contexto, a respeito da Filologia pode-se constatar que; “até algum tempo poder-se-ia conceituar Filologia Românica (pelo menos no mundo de Língua Portuguesa) como o estudo científico de uma língua ou família de línguas atestadas por documentos” (MULLER, 2010, p. 02).

Portanto, fica como entendimento que a Filologia Românica permite a compreensão necessária para percorrer a história da língua nos dois sentidos: tanto do latim ao português, quanto do português ao latim (BASSETTO, 2005).

2.2 Variação Linguística: todos somos doutores na língua

A linguística é uma ciência descritivo-explicativa e como qualquer outra ciência, não tem um caráter prescritivo ou normativo. Ela não impõe as regras de uma língua, nem determina qual deve ser a forma correta de se dizer uma coisa. É a ciência da língua humana, ou seja, é o estudo científico da língua como um fenômeno natural. Ela investiga a relação entre língua e pensamento, e suas conexões com nossa capacidade motora, visual e auditiva, e como essas conexões agem na construção da significação (VIOTTI, 2008).

Em entendimento sobre a língua, é válido saber que ela é considerada parte da cognição humana, e que é um fenômeno eminentemente social. Nisso, a linguística busca entender as relações entre língua e cultura, entre língua e classes sociais, e entre uma língua e outras línguas. Nesse sentido, compreender essas relações são importantes porque elas estão associadas ao fenômeno aqui salientado, o da variação linguística (VIOTTI, 2008).

Nos estudos da variação linguística Fiorin (2018) destaca até que ponto as línguas variam. Retrutando que existem várias línguas no mundo, o que faz formar um primeiro indício de heterogeneidade. Na qual, há casos de variação linguística encontrados no léxico, na fonética, na morfologia e na sintaxe. Fatores que podem ser explicados com base na localização geográfica dos falantes e em aspectos sociais, tais como escolaridade do falante e formalidade ou informalidade da situação de fala.

Fiorin (2018) ainda explica que, ao mesmo tempo que a comunicação intensa entre membros de uma comunidade leva à manutenção de suas características

linguísticas, a falta de contato linguístico entre comunidades favorece o desenvolvimento de diferenças linguísticas. E por isso, tendemos a falar como aquelas pessoas com quem mais falamos e nos relacionamos diariamente.

É por isso que existe a necessidade de um ensino de língua materna que supere a concepção da língua como unidade pura e abstrata, ou o estudo da estrutura gramatical, formal, cheio de abstrações e informações descontextualizadas. Nesse sentido, é indispensável fazer a escola superar o ensino de língua apenas gramatical, mecânico e conteudista, e sem conhecimento da realidade no mundo (MOURA, 2011).

No ensino da gramática normativa a língua é homogênea e no ensino da linguística a língua é heterogênea. Na heterogeneidade a língua muda conforme o tempo e outros fatores e varia tanto internamente quanto externamente, ou seja, socialmente (MOURA, 2011).

Moura (2011) *apud* Mollica (1996) e Tarallo (1985) salienta que os traços variáveis da oralidade ou da escrita têm origem em fatos internos ou externos à língua e são chamados de fatores condicionantes ou condicionadores por remeterem às condições sociais ou linguísticas reguladoras do uso da língua na hora de falar ou escrever.

Os fatores externos, isto é, sociais como sexo, idade, escolaridade, classe social, entre outros, podem exercer grande influência no jeito de falar ou de escrever, permitindo a existência de inúmeras variáveis linguísticas, conforme os fatores de maior incidência, ocasionando as variações dialetais ou de estilo. Nisso, os fatores internos, denominados intralinguísticos por serem achados no interior da língua, podem ser morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos etc., e cooperam para originar variações, trazendo diferenças criadoras de variantes e modalidades peculiares, conforme cada traço interno (MOURA, 2011 *apud* MOLLICA, 1996; TARALLO, 1985).

A linguagem humana varia de acordo com o grau de contato entre as pessoas, por isso as línguas existentes do mundo não são uniformes e apresentam variações linguísticas. Assim, a língua varia conforme o intercâmbio entre as pessoas. Existem quatro modalidades específicas de variações. A variação regional com as variantes diatópicas, a variação social e cultural com as variantes diastráticas, a variação histórica com as variantes diacrônicas e a variação estilística com as variantes diafásicas (TAMASIRO, 2011).

Em resumo, as variações Diatópicas são as variações de uma região para outra na forma de produzir os sons, isto é, a própria limitação geográfica dos habitantes que os identifica e os diferencia das demais regiões. Ex: habitantes das regiões nordestinas, sudeste e sul etc. Já as variações Diastráticas são as ligadas a um grupo social para outro. Essas variações são muitas e decorrem da linguagem coloquial. Ex: a fala dos jovens que pertençam a um grupo social, como dos surfistas, advogados, religiosos, etc. As variações Diacrônicas são as variações que se alteram de uma época para outra, nela a linguagem sofre modificações ao longo do tempo, em vista do dinamismo da língua e pela necessidade da sociedade. É mudança conforme ao longo do tempo. Já as variações Diafásicas se alteram de uma situação de comunicação para outra, elas ocorrem numa situação na qual a mesma pessoa altera o modo de falar dependendo do ambiente em que se encontra, qual seja, formal ou informal (TAMASIRO, 2011).

Nesse contexto de variações, e de ensino da língua como um todo Bagno (2002) salienta que, uma das tarefas da educação linguística seria poder oferecer propostas teóricas e práticas para levar a escola brasileira a desenvolver, de modo consciente e sistemático, o letramento de seus alunos, ou seja, garantir a eles a possibilidade de participar e interferir na construção de uma sociedade letrada. Uma educação linguística que possa oferecer estratégias para o entendimento da variação linguística que não se limite a fenômenos de sotaque ou de léxico, mas que evidencie o fato de que a língua apresenta variação em todos os seus níveis, e que essa variação da língua está indispensavelmente associada à variação social.

A falta desse ensino direciona a língua para ser usada, muitas vezes, na prática como discriminação e exclusão social e com isso nasce o preconceito linguístico, que segundo o autor, pode se dar por causa da chamada língua essencial designada e criada pelas sociedades ocidentais. A partir disso, vive a necessidade de ensinar uma educação linguística nas escolas tornando-se cada vez mais de grande importância para a educação. Já que, tudo aquilo que é apontado de maneira tradicional como erro tem uma explicação científica, e essa noção vai totalmente contra os estudos da língua enquanto ciência (BAGNO, 2002).

Nisso, uma das razões muito importantes para que a variação linguística seja tanto objeto como objetivo no ensino de língua na educação brasileira é a forte transformação do perfil socioeconômico e cultural da população nas escolas públicas, seja para ensinar ou para aprender. Já que, em todo esse contexto, devemos

compreender que a variação não é algo aleatório, casual ou caótica. Ao contrário disso, ela é estruturada, organizada e condicionada por diversos fatores. Por isso, é extremamente válido dizer que “Nada na língua é por acaso” (BAGNO, 2007).

Bagno (1999) relata que o preconceito linguístico é fruto da confusão entre a língua e gramática normativa. E vem sendo alimentado pelo ensino exclusivo da gramática normativa, pelos livros didáticos e também nos programas de televisão e rádios. Trazendo uma imagem negativa para a língua falada no Brasil. O paradigma a ser quebrado sobre o preconceito linguístico é reavaliar o conceito de erro. Levando em conta que, há muitos preconceitos destinados a forma de falar e para isso na sociedade deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito às diferenças.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz referências que situam o trabalho da variação linguística para o ensino aprendizagem na educação brasileira. Na área de Linguagens, no tocante ao componente curricular Língua Portuguesa, o trabalho com a variação linguística é relatado como um dos seis objetivos gerais da Educação Básica, quando diz que devemos compreender que a variação linguística é um fenômeno que constitui a linguagem, reconhecendo as relações de poder e as formas de dominação e preconceito que se fazem na e pela linguagem (PATRIOTA E PEREIRA, 2018 *apud* BRASIL, 2016).

Portanto, nota-se que a muitos professores sobrecarregam seus alunos com exercícios de repetição baseados totalmente na gramática normativa, não levando em conta a riqueza cultural que está contida nas variedades existentes em sua sala de aula, pois o ensino não deveria basear-se em maneiras antigas que não são utilizadas. A língua descrita na gramática tradicional é mais uma variedade linguística, por isso, deve também ser abordada em sala de aula. Mas, a gramática normativa não pode continuar sendo, uma bíblia para o ensino de língua portuguesa, saber uma língua não consiste apenas em saber analisá-la morfológica e sintaticamente. É essencial trabalhar o texto para que o educando mergulhe no prazer de ler e não fragmentá-lo (VIEIRA, 2013).

2.2.1 Variação Linguística e sua relação com a história da língua latina

Num estudo sobre Linguística Histórica, Faraco (2005) salienta que qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é realizada utilizando-se os diferentes níveis comuns no exercício de análise linguística. Nisso, na história de uma língua, pode existir mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais e pragmáticas.

É de grande valia o estudo dos aspectos presentes nas mudanças linguísticas citadas acima, entretanto, para o presente trabalho vale ressaltar apenas duas, entre elas, pode-se destacar as mudanças morfológicas que, segundo Faraco (2005) trabalha os princípios que regem a estrutura interna das palavras, isto é, seus componentes designados de morfemas, os processos derivacionais que são as formas de se obter novas palavras e os flexionais que são as formas de se marcar, no interior da palavra, as categorias gramaticais. Nisso, há diferentes tipos de mudança podem ocorrer nesse nível, dentre os apresentados, para este trabalho, podemos destacar os sufixos, como exemplo.

[...] sufixos podem desaparecer como morfemas distintos passando a integrar a raiz da palavra. E o caso do sufixo latino -ulu-, indicador de grau diminutivo, que perdeu seu caráter sufixal, integrou-se à raiz das palavras, transformando, desse modo, uma palavra originalmente derivada numa palavra simples que veio a substituir a antiga palavra primitiva. Temos, hoje, por exemplo, em português, entre outras, a palavra *artelho*, que não vem do latim *artus*, mas do diminutivo *articulus* (FARACO, 2005, p. 37).

A outra mudança a ser trabalhada são as mudanças lexicais, Faraco (2005) traz uma abordagem em que as palavras como uma das unidades da língua, são estudadas em todas as disciplinas linguísticas, nas mudanças sonoras, morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas. Mas, também pode-se estudar historicamente a composição do léxico das palavras, a partir da observação da sua origem, ou seja, na base latina do léxico português, como exemplo. E também nos muitos fluxos de incorporação de palavras de outras línguas; os chamados empréstimos. Esse entendimento no eixo do tempo se correlaciona com o estudo mais abrangente da história cultural da comunidade linguística. Já que, o autor diz que “o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade das relações entre língua e cultura” (FARACO, 2005 p. 38).

Pois, de acordo com Bagno (2007, p. 166) em explicação a essas mudanças; “são os falantes, em sociedade, que mudam a língua”. Numa análise entre variação, história e latim Beviláqua (2014) apresenta um estudo na teoria linguística que relata a mudança linguística como algo ocasionado por uma deriva da língua latina. Registros que ressaltam como certo e incorreto, isto é, do latim clássico e do vulgar, seriam desde a antiguidade tipos de variações linguísticas. Alguns dos exemplos trazidos pelo autor das variantes registradas no documento chamado de “Appendix Probi” relatam essa teoria. Destacam-se algumas como: *iugulus non iuglus*, *speculum non speclum*, *masculus non masclus*. E, como forma de comparação das variantes da Língua portuguesa o autor dá alguns exemplos como: músclo, anglo, fósfro e capítlo.

Ainda, nesse entendimento, é possível perceber, mais uma vez esses fenômenos, quando Bagno (2007) relata um dos exemplos de variantes advindas do latim e que permeiam na sociedade até os dias atuais, mas que é visto muitas vezes como fonte de erro, como é o caso da palavra fruta, que vem do latim *fructa*, assim como *lacte*, *factu* e *nocte*, que perderam esse “ct” e ganharam “i” como na atualidade, leite, feito e noite. Porém, fruta com o passar dos tempos, deu um passo a diante e perdeu esse “i” ficando na forma atual fruta. Mas, se os falando que acham “errado” e riam desse fenômeno soubessem desse conhecimento histórico por traz, talvez eles enxergassem com outros olhos essa chamada estigmatização.

Quando as pessoas sem conhecimento específico dos processos de mudanças falam de “erro”, na verdade o que elas estão chamando de “erro” é algum fenômeno de transformação pelo qual a língua está passando. Uma transformação que nada tem de fortuito, de casual, nem aleatório. E que é fruto, insistimos, da ação dos próprios falantes sobre a língua, a mesma ação que transformou a indo-europeia em latim, o latim em português (BAGNO, 2007, p. 169).

Portanto, no caso do Português Brasileiro, é possível observar que existem variantes analisadas que possuem procedência ou são de certa forma paralelas a fenômenos já existentes na língua latina, isto é, do latim Vulgar. É nesse sentido que, a motivação para essas variantes no português, surgem como uma continuação de uma tendência da linguística que já se manifestava no latim vulgar (BEVILÁQUA, 2014).

2.3 A influência histórica: o Latim e o ensino de Língua Portuguesa

É relevante compreender que o latim é uma língua que atravessou o tempo e serviu de base para o surgimento de várias outras línguas e culturas, deixando marcas permanentes no uso do Português (BOAS E HUNHOFF, 2014).

Suas origens remontam ao século VII a.C. e seu período final alcança o século V d.C. Historicamente, o latim se enquadra no período que vai da fundação de Roma (753 a.C.) até a queda do Império Romano do Ocidente (476 d.C.). Assim, o latim que teve as suas origens no *Latium* – região central da Itália –, entre humildes pastores e rústicos agricultores, foi observado os demais falares itálicos a ponto de tornar-se a língua nacional de todo Império Romano.

Mas, como acontece em todas as línguas, o latim não era rigorosamente uniforme em todo o país, semelhante ao que acontece com os diferentes falares entre as diversas regiões do Brasil. Ademais, quando o povo usa despreocupadamente o seu idioma, prescinde dos rigorosos preceitos gramaticais a que o submetem os literatos e escritores. É o que diz Serafim da Silva Neto *apud* Carvalho e Nascimento (1966, p. 11):

[...] uma língua tem dois empregos distintos: o literário, quase sempre escrito, usado pelos artistas da palavra e pela sociedade culta, difundido nas escolas e academias e o popular, falado quase sempre, de que se serve o povo despreocupado e, considerado, inculto”.¹

Nesta direção se deu a origem do nosso idioma, ou seja, a língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos a península Ibérica. Por esse motivo, o latim, é considerado a língua mãe do português e é muito importante para a transmissão do conhecimento, não apenas de quem somos, mas das nossas origens e da nossa cultura, como também é essencial para um adequado conhecimento da língua portuguesa e de outras línguas que não têm origem no latim, mas que carregam vocábulos de raiz latina, como o inglês, por exemplo (CATROLA, 2017).

Vale mencionar que não foi o latim visto nas obras dos grandes escritores do latim clássico, que foi levado a Península, mas o latim usado pelo povo no trato comum, chamado latim vulgar, que se serviram os soldados e colonizadores romanos.

¹ Grifo nosso.

Estudos relatam que o ensino do latim tem o poder de conseguir desenvolver as capacidades de análise e raciocínio, para além de nos ensinar a escrever bem, já que, enriquece o vocabulário e auxilia no entendimento textual na língua materna e até nas línguas estrangeiras (CATROLA, 2017).

Como exemplo do uso oral e escrito do latim para o ensino e conhecimento no ambiente escolar, Holanda (2019) relata que:

[...] Em determinadas situações, é imprescindível, pelo menos, um pouquinho de conhecimento da língua latina. Certa feita, a palavra lunático apareceu em um texto. E o aluno quis saber o significado de lunático. – É aquele que vive no mundo da lua, respondi. – Por que não é luático? Ponderou o aluno. Então, recorri ao latim para melhor explicar-lhe. Em latim há a palavra *luna* que, da sua passagem para o português, sofreu a desnasalação. Desse radial latino, temos a palavra *lunauta*, isto é, aquele que viaja à lua; *lunário*, refere-se ao calendário das fases da lua; *mês lunar*; *alunar*, pousar na lua, *alunissar*; o astronauta fez uma *alunagem* (HOLANDA, 2019, p. 3).

Nesse sentido, compreendemos que o latim enquanto facilitador do ensino de português pode ajudar também a compreender as chamadas irregularidades da língua portuguesa, a ampliar o vocabulário, dar um maior embasamento da etimologia do léxico português, além de permear o desenvolvimento do intelecto do aluno como salienta Ribeiro (2015);

É comum o estranhamento acerca de muitas palavras do português. Por que creme capilar, e não “cabelar”, aquário, e não “aguário”? É de conhecimento lato que o português é língua neolatina e, por isso, o latim marca presença constante na nossa língua corrente. Interrogações como essas têm a sua explicação na etimologia da palavra, que no caso é latina (RIBEIRO, 2015, p 02).

O despertar para o conhecimento do latim, de forma singular, vai ajudar a adquirir competências em outras áreas do saber, isto é, possibilita estratégias de melhoria das aprendizagens e com isso do sucesso escolar (CATROLA, 2017).

O latim vive em várias circunstâncias: é a língua oficial da igreja católica (no Vaticano). No Direito, por exemplo, são usadas inúmeras expressões latinas: *habeas corpus*, *alibi*, *data venia*...O latim está presente no nosso cotidiano: *curriculum vitae*, renda *per capita*, pós-graduação *lato sensu*, *idem*, *a priori*, *Homo sapiens*, *in loco*, *ipsis litteris*, *persona non grata*, *sinequa non*, *sic*, *status quo*, *sui generis*, *Aedes aegypti*...O latim está vivo no vocabulário também das tecnologias, inclusive das mais modernas (fecundação *in vitro*), no vocabulário da Informática (deletar, do inglês *to delete*, que vem, por sua vez, do verbo *dele* em latim, que significa “destruir”) (RIBEIRO, 2015, p.15).

Não há dúvidas de que o estudo do latim é muito importante para melhor compreendermos a língua portuguesa, tanto sincrônica quanto diacronicamente, mas, muito mais especialmente do ponto de vista diacrônico. Por isso, pode-se comentar sobre a presença do latim no português em aspectos lexicais, morfológicos e fonológicos (SILVA, 2012).

Este trabalho focou apenas no embasamento dos aspectos morfológicos e lexicais. Segundo o teórico João Bortolanza (1997, p. 04) é válido dizer que;

Verifica-se facilmente a presença do Latim em nosso Léxico, constatando os muitos alomorfes concorrentes, eruditos uns, outros vernáculos, como é o caso de EQU-, EGU-. CAVAl-, CAVAlH- (sem contar o grego HIPO-), a formarem uma extensa família de palavras: eqüino, equitação, égua, cavalo, cavalgar, cavaleiro, hípico... Isto poderia mostrar à professora da anedota que, “para qualquer dúvida, é só perguntar à professora” – desde que licenciada em Português – Diacrônico e Sincrônico. [...] Estas variações, resultados de variantes concorrentes, vieram impondo-se na linha do tempo, seguindo determinadas tendências [...].

Enquanto nos estudos morfológicos, Silva (2012) *apud* Bortolanza (1997) salienta que podem-se destacar três níveis de aspectos, os quais estão presentes na Língua Portuguesa. De maneira enumerada, o autor elenca que;

a) Seria mesmo acrescentando -ES que se forma o plural dos nomes terminados em R, Z e S (oxítonas)? Na evolução de *doctorem* e *doctores*, dá-se a apócope primeiro do -M (ainda no latim vulgar) e depois do -E, vogal temática dos nomes da terceira declinação, que se mantém antes do morfema -S do plural. Motu contínuo, podem-se salientar as vogais temáticas dos nomes em português – A, O, E – em estreita relação com as declinações latinas que restaram e o caso lexicogênico, o acusativo. b) Entre os plurais, vale ainda destacar os nomes em -ÃO, que no singular são formas convergentes, mas no plural mantêm a divergência, com o predomínio do plural em -ÕES, o único produtivo [...] para as formas multidão, nação, pão e cristão, enquanto os plurais *multitudines*, *nationes*, *panes* e *christianos*, pelo mesmo fenômeno, mantêm-se muito próximos do latim. c) Os participípios presentes, embora normalmente se tenham transformado de adjetivos em substantivos, são de expressiva frequência em português: *falante*, *pensante*, *perseverante*, *atuante*, *vivente*, *amante* [...] (SILVA, 2012 *apud* BORTOLANZA, 1997 p.14).

Para compreender a evolução da língua portuguesa e de sua história interna e externa, é fundamental o conhecimento do latim, principalmente por que ele ainda continua sendo a língua que mais tem empréstimos nas línguas de cultura em praticamente todo o mundo. O Latim e o ensino de Português são fundamentos que não devem se separar (SILVA, 2012).

Como explica Boas e Hunhoff (2014) sobre o processo de formação de palavras;

É grande a importância do Latim na origem e formação da Língua Portuguesa, e também no uso atual do português. O Latim tem sua presença bem-marcada nos radicais de palavras atuais da Língua Portuguesa, que são usadas todos os dias pelos seus falantes. Exemplos: agri- que significa campo, palavra utilizada: agricultura; óculo- que significa olho, palavra utilizada: ocular; sapo- que quer dizer sabão, palavra utilizada: saponáceo; pater- que significa pai, palavra utilizada: paternal. Utilizamos essas e tantas outras palavras naturalmente, às vezes, sem saber que seu radical, ou o prefixo e sufixo são de origem latina. Não que isso seja necessário para se aprender a Língua Portuguesa, porém, com certeza, se o falante tivesse esse conhecimento muitas questões didático-pedagógicas ligadas ao ensino e à aprendizagem seriam elucidadas (BOAS E HUNHOFF, p. 04, 2014).

Nos estudos sociolinguísticos, um trabalho interdisciplinar pode possibilitar o conhecimento da estrutura social de um povo por intermédio da análise da sua língua, a qual pode ser considerada uma das ferramentas que a sociedade possui para retomar seus fatos históricos, culturas e linguísticos. A partir disso, nota-se que o Latim pode estar presente também em outras áreas de conhecimento, como na Biologia, Medicina, Direito, Filosofia, Sociologia História, Religião, Literatura, Arquitetura, Música entre outras áreas a partir de seus empréstimos gramaticais (BOAS E HUNHOFF, 2014).

Segundo Santos (2015, p. 56/57); “O Latim está vivo: seu sangue corre nas veias do Português”. Porém, é verdade destacar que o latim, atualmente, não é falado especificamente por nenhuma nação. Mas, os povos ocidentais têm em comum um patrimônio cultural veiculado pela língua latina que uma pequena incursão desvela uma diversidade de aspectos atuais, sejam eles na botânica, no direito, na mídia, na variante popular adotada pelas populações mais distantes dos grandes centros do país (SANTOS, 2015).

Heck (2013) num relato sobre o ensino do latim no Brasil salienta que, a discussão sobre esse tema é urgente e necessária para que se restitua à sociedade a capacidade de raciocínio abstrato, de compreensão de outras línguas e, conseqüentemente, de comunicação com outras culturas. Pois, dessa forma, será alcançado o total desenvolvimento do indivíduo.

Nesse sentido, repensar a didática do Latim contribuirá para a consciencialização de que essa disciplina representa um pilar essencial para muitas áreas de estudo, no sentido de uma formação integral e integradora dos discentes.

Para que o Latim volte a ocupar o devido lugar no sistema de ensino português, é importante que seja feita uma aposta forte na sua didática, especificamente (FERREIRA, 2019).

A aprendizagem desta língua, que é essencial não só para todos aqueles que se interessam pelas Humanidades, mas ainda para todos os que, em áreas distintas, necessitam adquirir um conhecimento abrangente acerca da língua portuguesa e da cultura que nos rodeia, cuja sua herança não se pode dissociar da língua latina (FERREIRA, 2019).

Em um relato sobre a beleza da palavra Ribeiro (2015) ressalta e considera que uma das palavras mais bonitas da língua portuguesa é *companheiro*. Vinda do latim vulgar *cum + panis* (com + pão) = *campanha* (forma antiga do termo *companhia*) + o sufixo “eiro” = *companheiro*, que tem como significado: Aquele que divide o pão com o outro, o que senta com o outro à mesa para comer e partilhar o pão.

Portanto, é válido destacar que a beleza por trás da história é algo que precisa ser disseminado. Nisso, firma-se a importância do conhecimento histórico da língua latina para as aulas de Língua Portuguesa. Ficando constatado que o professor, muitas vezes, dá para o aluno a informação pronta e não ensina o conhecimento por trás daquilo que fora ensinado. Nisso, o latim traz em seu conteúdo, aspectos que servem como resposta para muitos por quês jamais ditos e ensinados no ambiente escolar.

2.4 O Inconsciente Linguístico

As muitas influências deixadas pelo latim na língua portuguesa refletiram e refletem, de certa forma, na linguagem formal e informal na sociedade contemporânea. Oliveira (2009) relata em sua pesquisa a respeito do chamado “inconsciente linguístico” uma provável consciência linguística com relação aos processos de formação de palavras, sobretudo, o de prefixação e o de composição em alguns termos. Na qual, a autora relata a possibilidade de, quando há separação de morfemas, esse tipo de separação não seja simplesmente aleatório.

A pesquisa foi auxiliada a partir dos dados obtidos ao longo de uma transcrição do Livro II do Tombo. Um dos “comentários interpretativos” que poderiam direcionar-se ao valor significativo dos elementos em latim de que se constituem algumas expressões, como exemplo encontrado; “Prefixo *ex* apartado de *edução*, sinalizando,

talvez, a formação desta palavra por composição ainda no latim: a preposição *ex* (de dentro para fora) + o verbo deponente *secutus* sum (dirigir-se para, ou ainda, obedecer)” (OLIVEIRA, 2009, p.5).

Assim como; “prefixo com apartado de cluzos, sinalizando a formação desta palavra por prefixação ainda no latim: verbo *concludere* (fechar, encerrar) formado pela preposição *com*; *cum* (juntamente com, em companhia de) + o verbo *cludere* (trancar, cerrar)” (OLIVEIRA, 2009, p.5).

A partir da análise feita pela autora, concebeu-se a possibilidade de um conhecimento intuitivo do falante ao qual ele recorre. Por isso, pode-se dizer que o indivíduo possui da história de sua língua que é parte da sua própria história. Nesse sentido, considerar tais situações de escrita casualidade ou mero fatalismo gráfico não podem dar conta dessa peculiaridade (OLIVEIRA, 2009).

Segundo Oliveira (2009) existe no recorte sincrônico características de estágios anteriores da língua, já que a sincronia tem por base a diacronia, que a influência, de maneira conscientemente ou não, e faz-se verificável nas manifestações linguísticas.

Nesse sentido, Mattos e Silva (2008) relatam que as teorias linguísticas, ao tratarem da mudança linguística, apresentam como “objetivo fundamental não o responder ao porquê e como as línguas mudam, mas como elas [as mudanças] se desencadeiam ontogenicamente no indivíduo e como representar essa possível gramática natural” (MATTOS E SILVA, 2008, p. 23).

Portanto, a partir dos aspectos aqui apresentados, pode-se fazer uma análise de que o falante para modificar ou criar novas palavras, muitas vezes, retoma/recorre ao latim, seja ela de forma consciente ou até mesmo inconsciente, como explicado ao longo do capítulo.

3 MARCO METODOLÓGICO

A metodologia de um projeto científico funciona como uma das bases no caminho a ser percorrido para sua construção e para a autenticação das ideias e pensamentos em sua elaboração. Existem diferentes formas de se produzir uma pesquisa, as quais dependem dos feitos estudados nela.

Este capítulo, destina-se para apresentar a metodologia adotada e os seus fundamentos epistemológicos ao passo que vai se descrevendo as maneiras pelas quais a pesquisa foi definida e operacionalizada objetivando, também, a constituição da etapa de investigação do processo de compreender, a partir da história da língua, como o latim pode servir de facilitador nas aulas de Língua Portuguesa.

A partir das problemáticas presentes nesse trabalho monográfico, visto como uma análise diacrônica da língua portuguesa, buscou analisar e esclarecer as facetas históricas por trás da deriva e presença da língua materna (Latim) na morfologia e no léxico de alguns termos selecionados da LP.

Esse estudo será realizado através da relação presente historicamente da língua portuguesa com o latim, ou seja, na constatação de que os traços deixados pela língua mãe podem ter influência e servir como auxílio na prática docente. Além de, estudar áreas que discutem nas variações linguísticas e conseqüentemente, refletem na constância do preconceito linguístico.

Estabelecendo a clareza do método científico, a pesquisa é caracterizada pelo método dialético, pelo uso de contestações aos argumentos. A qual, possui como base a interpretação da realidade, mostrando fatos sociais sobre aspectos da língua. Vale destacar que, quando se trata de uma pesquisa dialética, o estudo nunca se dá por finalizado, pois encontra-se em constante mudança (RICHARDSON, 1999).

Diante disso, cada uma das formas de pesquisa pode ser caracterizada por seus instrumentos de trabalho, de maneira a ser analisada e abordada. Em suma, essa parte do trabalho vai analisar a pesquisa quanto ao seu nível e como se classifica, ao seu tipo, procedimentos, técnicas, profundidade, descrição da população e amostra, os procedimentos para coleta de dados e os procedimentos para a análise de dados.

3.1 O tipo da pesquisa

A metodologia da presente pesquisa monográfica tem como ponto de partida o método dialético, pois essa se propõe a efetuar uma análise crítica do objeto a ser pesquisado, que é feito a partir do entendimento de que nada na língua é por acaso, e a partir disso, compreender, por meio da história da língua, como o latim influencia e pode servir de facilitador nas aulas de Língua Portuguesa. O que significa encontrar as determinações que o fazem ser o que é. Já que, a totalidade, a historicidade e a contradição são as categorias metodológicas mais importantes na Dialética. Quanto às categorias simples, que se referem ao conteúdo do objeto, são definidas segundo o tema do problema a ser pesquisado.

A partir das análises dos conceitos a pesquisa se classifica enquanto ao tipo qualitativo por se tratar de considerações acerca dos fenômenos da língua e por ter caráter exploratório (RICHARDSON, 1999).

Na sua descrição, a pesquisa enquanto qualitativa, tem um caráter descritivo, uma vez que passa a descrever o estudo que é realizado numa perspectiva sobre compreender, a partir da história da língua, como o latim pode servir de facilitador nas aulas de Língua Portuguesa. Nisso, esse tipo de pesquisa é de grande relevância, pois, descreve o tipo de problema a ser investigado.

A abordagem qualitativa de um determinado problema sempre busca compreender as condições de fenômenos frequentes na sociedade. A pesquisa se torna de grande valor por permitir entender o percurso da língua portuguesa e o impacto que os traços do latim deixados a influenciam até os dias atuais.

Além desses aspectos, a pesquisa possui identidade exploratória, pois segundo Gil (2002) ela possui a obrigação necessária de realizar uma pesquisa bibliográfica. Partindo de saberes de teóricos, principalmente da área da linguística, com experiências e formação sobre os saberes discutidos no projeto. Ele ainda explica que isso é possível porque a principal finalidade da pesquisa exploratória é ampliar, explanar e modificar conceitos e ideias, acerca da formulação de problemas mais sucintos para estudos posteriores.

3.2 O Nível da Pesquisa

O projeto de pesquisa é exploratório, isso porque irá analisar uma realidade para compreender os problemas encontrados, além disso irá proporcionar reflexões dos problemas discutidos para agregar saberes sobre a realidade social a qual é destinado.

Uma das características presentes na pesquisa que a classifica como nível exploratório é a aproximação que ela possibilita entre o aluno e a assimilação da língua portuguesa, quanto a aproximação do docente com o ensino de língua materna.

Para Gil (2002), o objetivo principal desse nível de pesquisa é o aprimoramento de ideias e descobertas, como por exemplo, as muitas curiosidades linguísticas presentes na língua portuguesa.

A pesquisa nesse sentido é definida como um processo formal e sistemático de desenvolvimento de métodos científico, com a intenção de mostrar por meio da própria pesquisa os dados precisos com uma base teórica relacionada ao tema abordado para fundamentar e sustentar o que se apresenta no mesmo (GIL, 2002).

3.3 Procedimentos, Técnica e Profundidade da pesquisa

Em relação aos procedimentos que foram utilizados, adotou-se neste trabalho a abordagem procedimental qualitativa, pois tentou-se compreender os resultados da pesquisa por meio da qualidade do trabalho para a melhoria do ensino básico conjecturando relações a partir da análise interpretativa dos documentos teóricos consultados para sua elaboração.

Enquanto parte prática da pesquisa, a técnica constitui-se como um conjunto de processos a partir do qual a ciência tenta alcançar seus propósitos. Por isso, durante a presente pesquisa, lançou-se mão da seguinte técnica: Documentação Indireta: Pesquisa bibliográfica e documental, partindo da revisão de literatura, seleção das fontes bibliográficas relacionados com o tema da pesquisa, objetivando a compreensão dos conceitos das áreas relacionadas ao tema.

Tendo em vista a profundidade da pesquisa, possui conteúdo de levantamento bibliográfico, o qual trabalha com a fundamentação das ideias e pensamentos expostos no trabalho, possibilitando uma visão geral das ocorrências estudadas, que possibilita aprofundamento dos fenômenos da língua, agregando valor as ideias

apresentadas. Assim, a pesquisa busca apresentar de maneira relevante fundamentações teóricas para compreensão dos fatos, ideias e estudos apresentados nela.

3.4 População e amostra

Para agregar valor à pesquisa junto ao tema do projeto, se faz necessário definir a população e a amostra que serão estudados. A população será o ensino de língua portuguesa, já a amostra será a língua latina. Cada pesquisa deve conter um objeto para as análises acerca do tema, a qual deve-se observar sua influência e características dentro da sociedade, a amostra é destacada através dos conjuntos que constituirão os estudos ideias e análises a serem feitas.

Sabendo que a população e a amostra são partes fundamentais para agregar valores a pesquisa, Lakatos (1999) explica que isso é possível por conta dos subconjuntos do universo, adotando como ponto de partida para os estudos a amostra que será gerida a partir da população, assim a escolha da mesma foi fomentar a língua materna como instrumento de ensino.

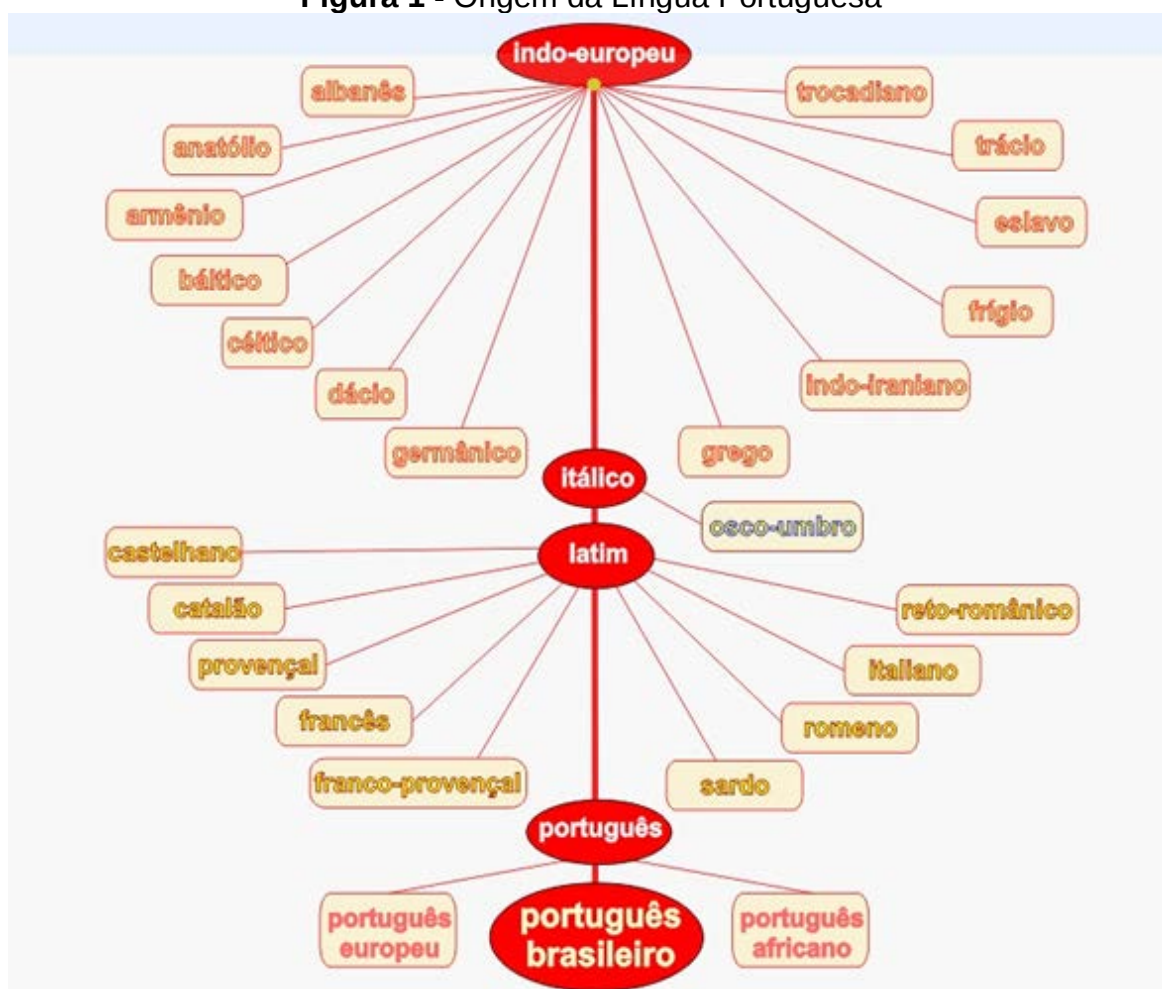
4 MARCO ANALÍTICO

A língua portuguesa, como várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas “românicas”, ou “neolatinas”, que têm o seu ponto de partida no latim, a língua do Lácio na Itália Antiga, ou, mais especificamente, na cidade de Roma.

Conforme já foi dito, existem diferentes línguas que são o resultado da evolução do latim, que se implantaram numa vasta região da Europa em virtude de conquistas militares e do consequente domínio cultural e político de Roma, a partir do século III a.C. Desse contexto, aqui nos interessa especificamente a história da inter-relação do latim com a língua portuguesa, ou seja, a implantação do português no Brasil, a partir da intensificação da imigração portuguesa e o desenvolvimento maior dos valores culturais dos europeus que determinaram o declínio ou extinção do bilinguismo: português e tupi a favor do português. Assim se firmaram algumas divergências para a língua escrita e literária entre as duas nações da língua portuguesa.

Assim, ratificamos que, a temática deste trabalho, ainda é pouca explorada nas práticas educacionais dos professores de LP no ensino básico, mesmo sendo um tema com pesquisas bastante relevantes. Foi nesse sentido que, levando em conta o nível de pesquisa e de importância para o ensino de língua, que o produto aqui apresentado, designado como: (Árvore genealógica – Raízes da Língua Portuguesa) visou trabalhar aspectos morfológicos e lexicais presentes na LP que explicam, dão lógica e reproduzem o conhecimento histórico por trás de muitos termos no vocabulário português.

Em uma breve pesquisa realizada nas mídias digitais, pode-se perceber que não há, até então, registros similares ao produto aqui desenvolvido. No entanto, foram encontrados alguns exemplos de árvores genealógicas que trazem a história da origem da língua portuguesa enquanto percurso na história das línguas neolatinas, porém, não especificamente em seus fragmentos exatos, isto é, em aspectos minuciosos como a origem e deriva da morfologia e do léxico português. A seguir, podemos observar um dos exemplos encontrados na figura 1.

Figura 1 - Origem da Língua Portuguesa

Fonte: Diversas Linguagens: Origem da língua portuguesa. Disponível em: <https://diversaslinguagens.wordpress.com/origem-da-lingua-portuguesa/>. Acesso em: 26 de Junho de 2021.

Na desenvoltura da pesquisa, a temática aqui trabalhada buscou fomentar para as aulas de LP um olhar diferente do tradicional no ensino básico. Já que, ensinar língua materna sempre foi algo pouco utilizado, porém, muito necessário para que se possa entender por completo a língua que nos rodeia. Sabendo que, para conhecer uma língua primeiro é essencial conhecer suas raízes. Silva (2012, p. 02) afirma que;

Assim como é um grande risco, por exemplo, casar-se com alguém cujo passado é completamente desconhecido e é difícil acertar o diagnóstico de uma doença sem conhecer os antecedentes relativos à enfermidade de alguém, para se poder explicar com segurança seu estado atual da língua portuguesa, não se deve desconhecer a sua história, que se sustenta no conhecimento do latim.

Nesse sentido, é de grande valia compreender que o latim carrega em suas raízes históricas explicações para muitos porquês jamais respondidos no ensino de

língua portuguesa. Um exemplo disso, é quando um professor de LP vai ensinar o uso dos plurais regulares e irregulares na escola, em sua explicação, ao comentar a respeito do plural das palavras; (mão) que é (mãos) e (pão) que é (pães), o docente leva a informação pronta até o aluno, ou seja, ele apenas explica que essa modificação de plurais existe apenas por causa da irregularidade presente na língua. No entanto, um docente portador do conhecimento e domínio de língua materna faria diferente. Ele levaria até o aluno o conhecimento histórico por trás desse fenômeno. Já que, a origem da palavra pão vem do latim *panes* e por isso sua influência e interferência na irregularidade desse plural. O mesmo acontece nas suas derivas e criação de novo léxico, como na palavra (panificação). Bortolanza (1997) explica esse fenômeno presente em alguns plurais no português, pois mantêm-se muito próximos do latim.

É nesse viés, que o intuito do projeto proposto, como dito anteriormente é desenvolver uma Árvore Genealógica com termos da língua portuguesa que foram influenciados pelos traços deixados pelo latim ao longo da história da língua. Traços esses, em destaque, a serem trabalhados no presente trabalho, apenas os morfológicos e lexicais.

Como melhor visualização e entendimento, as figuras e tabelas a seguir vão representar de maneira ilustrativa o objeto da pesquisa. Como dito anteriormente, os falantes língua portuguesa, muitas vezes, recorrem ao latim para criar novos adjetivos ou derivas. Existindo também, alguns sinônimos na LP que tem sua origem na língua latina. Assim como, a possibilidade de sua influência em muitas variações linguísticas.

Em primeiro exemplo ilustrativo, o esquema representa as influências linguísticas enquanto seu aspecto morfológico. O nível morfológico trabalha os morfemas, que são conhecidos como a unidade mínima da palavra. Que segundo Margotti e Margotti (2011) é a parte da gramática que descreve a forma das palavras. Ela trabalha predominantemente os processos nos quais se acrescenta um segmento a outros já existentes, ou quando se substitui um elemento por outro para modificar o sentido. Além de, trabalhar a abordagem voltada para os processos que dizem respeito à formação de palavras.

A figura a seguir, traz uma representação desse aspecto morfológico, ocasionado/influenciado em muitas palavras da Língua Portuguesa.

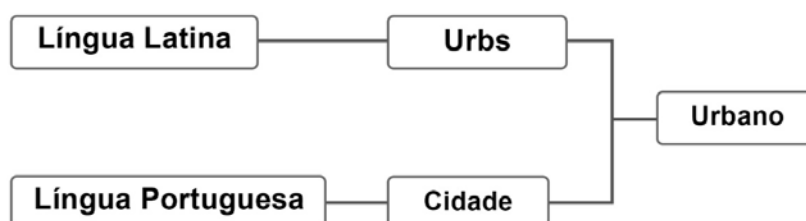
Figura 2 - Nível Morfológico

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Na figura 2, pode-se observar a influência do latim na formação da palavra “vida” em português. Quando, a palavra de origem é *vita* e ocorre apenas a troca do “T” pelo “D”. Esse exemplo, apenas ilustra como acontece, muitas vezes, a influência da origem da palavra para o vocábulo atual utilizado. Quando a palavra não é totalmente igual na escrita ao seu termo de origem (latim), ocorre apenas a alteração da unidade mínima da palavra (morfemas).

Em resumo, como diz Bortolanza (1997, p. 05); “São tantos os aspectos morfológicos de interesse para o professor de Português”. E, nas tabelas a seguir no decorrer deste texto, veremos mais desses exemplos.

Falando agora sobre os aspectos lexicais, isto é, na criação de novos vocábulos, a palavra de origem muitas vezes não tem semelhança a de utilização atual, porém quando partimos para o campo lexical e vamos criar novas palavras, existe uma tendência de recuperarmos a origem (latina) e assim são formadas novas palavras, como observado no exemplo abaixo.

Figura 3 - Nível Lexical

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Na figura 3, observa-se o fenômeno lexical presente na língua. Isto é na construção de novas palavras. Como visto, o é nome cidade, mas quando nos

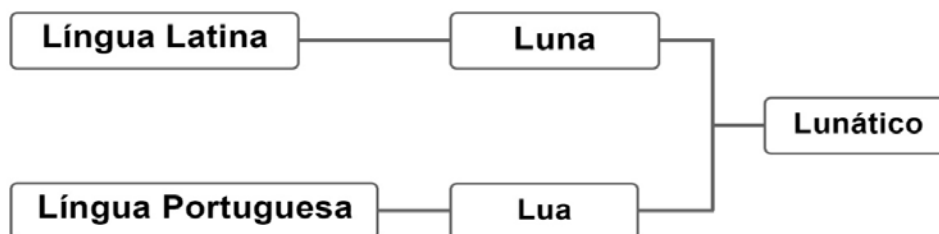
referimos a algo que se destina a esse termo, sabemos que é algo urbano, assim como, quando nos referimos as pessoas que residem no campo ou na zona rural, nos remete a palavra agricultor, que deriva da palavra *agri* que em latim significa campo. Esses exemplos analisados são apenas alguns dos muitos existentes na língua portuguesa. Essas raízes são explicadas por Bortolanza (1997) quando ele salienta a procriação de termos através do uso dos radicais das palavras;

Radicais alomorfes de FAZER – fac, faç-, fez-, fiz-, fa-, feit-, feiç-, fic-, fat-, fact-: fazenda, afazer, desfazer, façamos, fizeste, fez, fará, feito, fácil, fato, factível, fator, fatura, afeição, dificuldade, difícil, desfeita, refeição, refeitório, feitor, perfeito, imperfeito. Estes exemplos sirvam para dar a noção da importância de se conhecer a raiz das palavras, a que traz sempre o significado básico. Muitas modificações já se tinham efetuado no Latim Clássico – afinal, uma língua é sempre uma invariante a conviver com muitas variantes – o que faz a família de palavras não menos rica em ancestrais que qualquer família humana, sempre fixando variantes, sempre “procriando” (BORTOLANZA, 1997, p. 3).

Essa chamada “procriação” vai se multiplicando e atingindo grande parte do português brasileiro. O aspecto ilustrado na imagem a seguir, ressalta esse fenômeno inigualável, quando acontece os dois aspectos na formação da palavra oficial e do seu novo adjetivo.

A figura a seguir, relata mais um dos muitos exemplos de influência latina na formação de palavras, só que agora utilizando seus dois níveis linguísticos aqui estudados.

Figura 4 - Nível Morfo-lexical



Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Na figura 4, no entendimento da junção dos dois níveis, em suma, é sabido explicar, que quando já existe a semelhança na morfologia e na criação de uma nova, o falante, ainda assim, retoma e recupera por igual fragmentos do termo latino, criando assim, um léxico novo, porém, advindo do latim.

A produtividade das raízes etimológicas, no caso as latinas, continuam muito significativas, isto é, ao conservarem o radical latino em muitas palavras no português, podem existir listas de termos que conservaram, podem ser extensas e elas levam a compreender porventura milhares de palavras (BORTOLANZA, 1997).

A seguir, nesse entendimento de língua como ordem de influências, foram produzidas tabelas com termos latinos e palavras derivadas que descendem diretamente destes termos. Em português, as palavras formadas do latim, encontram sua base no caso acusativo (cuja função era de objeto direto), também chamado de caso lexicogênico. As entradas são apresentadas na seguinte maneira: 1) termo em língua portuguesa, 2) termo em latim (nominativo ou genitivo) e 3) exemplo de termos do mesmo ramo de formação, ou seja, formas eruditas, isto é, aquelas que são retomadas do latim.

A princípio, levamos ao questionamento de alguns porquês existentes no vocabulário brasileiro que não são respondidos. Por que algo que se refere ao leite é lácteo ou lactante? A tabela a seguir, demonstra esse porquê e alguns outros fenômenos presentes na língua, no qual o falante extrai fragmentos do latim e acrescenta nos novos termos.

Tabela 1 - Morfológico

PORTUGUÊS	LATIM	INFLUÊNCIAS
CORAÇÃO	Cor/Cordis	Cardíaco/Cardiologista
UMBIGO	Umbilicus	Umbilical
NARIZ	Nasus/Nasi	Nasal
FELICIDADE	Felicitas	Felicitações
VIDA	Vita	Vital/Vitalidade
LUA	Luna	Lunático
OLHOS	Oculum	Óculos/Ocular
ÁGUA	Aqua	Aquário/Aquático
LUZ	Lume/Lux	Luminoso
POVO	Populus	População
MÃE	Mater	Materno/Maternidade
PAI	Pater	Paterno
DOR	Dolor	Doloroso
SÓ	Solus	Solitário
PÃO	Panis	Panificadora
CHAMAR	Clamare	Clamar
DEZ	Decem	Décimo
LEITE	Lacte	Lácteos/Lactante

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Em resumo, na tabela 1 os falantes retomam a forma original da palavra, isto é, sua forma etimológica, para assim, criarem novas palavras. Por isso, que enquanto unidade mínima da palavra (morfemas), os termos não se assemelham absolutamente igual a palavra que deriva. Porém, retomada a sua forma antiga retirando fragmentos e traços. Essa parte, geralmente, conserva o radical das palavras primitivas nas novas palavras. Como salienta Saraiva (2016) *apud* Coutinho (2011) a respeito dos adjetivos;

Alguns adjetivos têm seu radical distinto dos radicais que formam os substantivos como é o caso de leão (substantivo) e leonino (adjetivo). Como em latim tinha-se o termo *leones* para leão o *n* caiu e o *e* se nasalizou o adjetivo chegou para o português com a raiz *le* latina e ficou leonino. Estas justificativas normalmente não são apresentadas aos falantes, nem mesmo aos estudantes da língua, no caso todos nós, isso gera uma confusão na compreensão da formação dos vocábulos da língua portuguesa (SARAIVA, 2016 *apud* COUTINHO, 2011, p. 06).

A seguir, a tabela 2 traz exemplos do fenômeno em que, algumas vezes, a palavra não se assemelha a formação da nova palavra derivada, porém o falante vai, e, retoma a forma antiga na origem do termo e, retirando fragmentos significativos, utiliza-os na nova criação.

Tabela 2 - Lexical

PORTUGUÊS	LATIM	INFLUÊNCIAS
ORELHA	Auricula/Auriculae	Auricular/Auriculoterapia
OUVIR	Audite/Audio	Áudio/Auditivo
CIDADE	Urbs	Urbano
PROFESSORA	Magistra	Magistério
PALAVRA	Verbum	Verbo
TRABALHO	Labor/Laborant/Laborare	Labuta/Laboratório
ESCRAVA	Servus	Servir/serva
CASA	Domus	Domicílio
RIO	Flumen	Fluvial/Fluminense
CAMINHO	Iter/Itineris	Itinerários
CAMPO	Agri/Ager	Agricultura
BRINCAR	Ludare/Ludant/Ludo	Lúdico
SENHORA	Domina	Dona
MULHER	Femina	Feminino/Fêmea
CABEÇA	Caput/Capita	Capilar/Capita
CAVALO	Equus/Caballus	Equinos

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Nesse entendimento lexical Saraiva (2016) relata que alguns vocábulos perdem seus radicais de origem ao virem para o português, como é o caso de apícula, que não está na tabela, mas que se encaixa na linha de pensamento, pois refere-se ao termo *apis* que é abelha em latim, e que deu origem a apicultor, tão distinto lexicalmente da palavra abelha. É nesse sentido, que a autora diz fazer-se necessário esse estudo histórico já que;

Estes fatos não esclarecidos torna a língua ainda mais difícil de ser compreendida, pois raramente o falante irá associar um vocábulo utilizado por ele por outro de origem latina, desta forma faz-se necessário compreender os mecanismos da história da língua, e buscar meios para que esta compreensão seja efetivada (SARAIVA, 2016, p. 22).

Esses fenômenos de retomada a etimologia para construção e formação de palavras estão presentes na língua portuguesa e podem ser compreendidos por meio das mudanças linguísticas. Quando Bagno (2007, p. 36) fala sobre a heterogeneidade das línguas, compreende-se que ela é “múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução [...] a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído”.

Por isso, o trabalho trouxe de uma forma pouco expandida uma amostra de como, possivelmente, o latim permanece vivo na língua portuguesa quando procuramos sinônimos para utilizarmos.

Abaixo, na tabela 3, é válido e importante salientar que não existem sinônimos perfeitos no português. Pode-se supor que o latim tenha influência nisso. Na tabela 03, alguns dos sinônimos são palavras em sua forma original latina, nisso, pode-se dizer que um dos motivos dessa não existência de sinônimos perfeitos seja esse. Porém, o presente trabalho não aprofundou-se nesse entendimento enquanto teoria. Mas fica válido a compreensão, mais uma vez, da presença do latim na língua portuguesa.

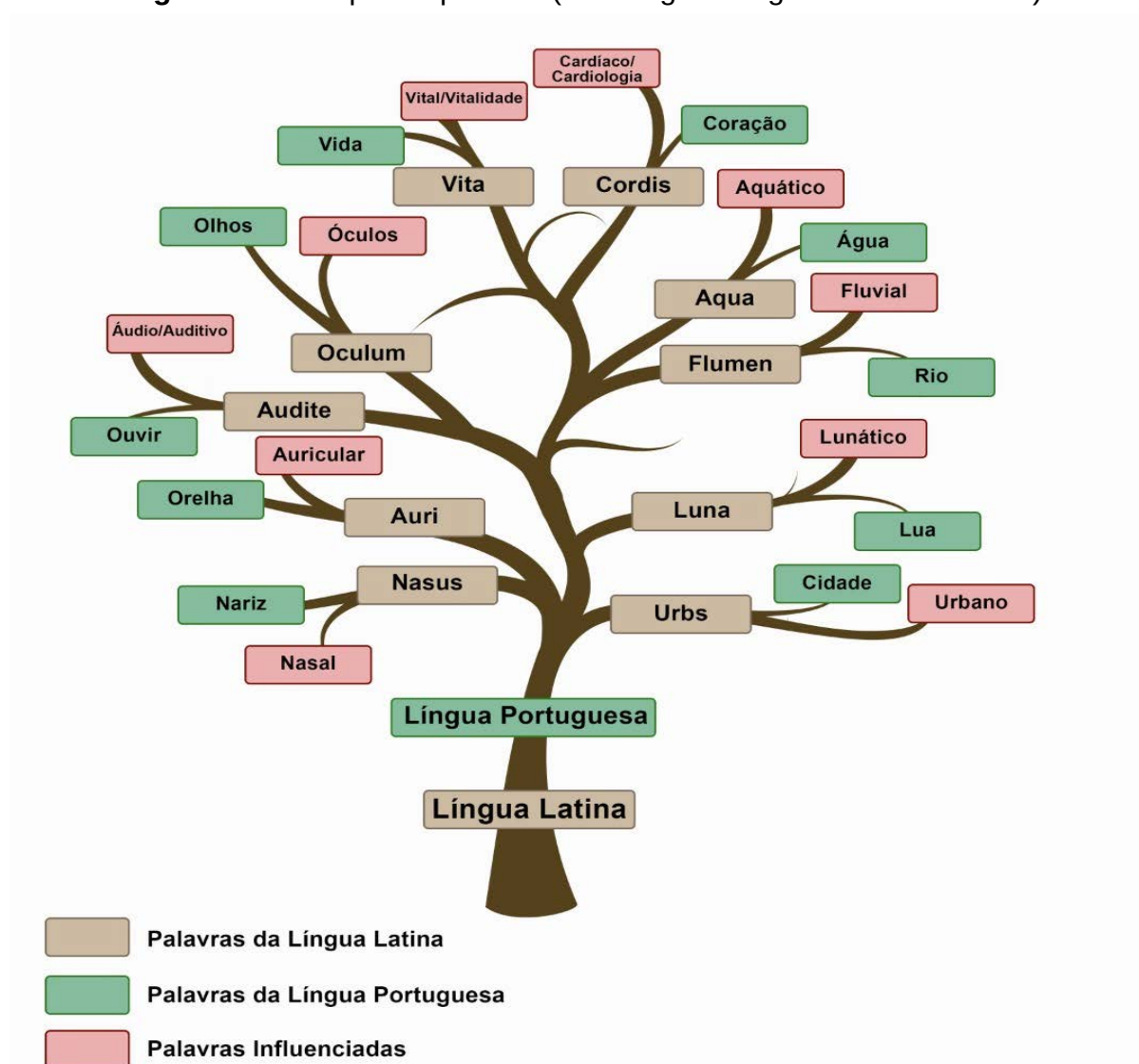
Tabela 3 - Sinônimos

PORTUGUÊS	LATIM
SEGREDO	Secreto
IGUAL	Par
SOBRE	Supra
ABAIXO	Infra
SAGRADO	Sacro

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

Agora, com intuito de apresentar o conteúdo de forma mais ilustrativa, foi feita uma representação de uma árvore genealógica com as raízes da LP. Em explicação sobre a imagem, é relevante salientar que buscou-se interpretar a história de alguns vocábulos da língua portuguesa, onde o latim é visto como o caule e as raízes da árvore, e as folhas são a Língua Portuguesa, em que os frutos são as influências ocasionadas por essa relação etimológica.

Figura 5 - Exemplo do produto (Árvore genealógica - Raízes da LP)



Fonte: Elaboração do autor, 2021.

A árvore genealógica presente na figura 5 ilustra um exemplo do qual rodeia o produto deste trabalho, mostrando a relação e o entendimento do latim e de suas influências na língua portuguesa. Pode-se salientar que essa relação histórica

permeia-se até a atualidade. Valendo ressaltar que o latim enquanto língua utilizada antigamente, foi se modificando ao longo dos tempos, portanto, os termos em latim utilizados como exemplo neste trabalho monográfico, são formas do latim em alguma fase ao longo da história da língua. Pois, como visto no texto, por causa do latim vulgar, e de suas constantes alterações, houve modificações nas palavras, como a perca, o ganho ou alteração de fonemas.

A Língua Portuguesa do Brasil, com suas influências linguísticas internas e externas, é uma variante da Língua Latina, o Português e o Latim não se apresentam como duas línguas diferentes, mas dois aspectos historicamente distintos de um mesmo sistema linguístico. Com efeito, o Latim faz parte do cotidiano dos usuários do português contemporâneo, sendo constituinte e constituindo, também, o seu vernáculo, transformado e atualizado. Obviamente, de maneira lenta e gradual que geralmente passa despercebida ao próprio falante geral da língua. Por fim, ressaltamos que a partir dessa compreensão do Latim enquanto língua dinâmica, viva e em constante transformação, sendo o Português uma atualização, ou seja, uma variante do Latim no século XXI e que o Brasil é um país linguisticamente românico (MELO, 2013, p. 41).

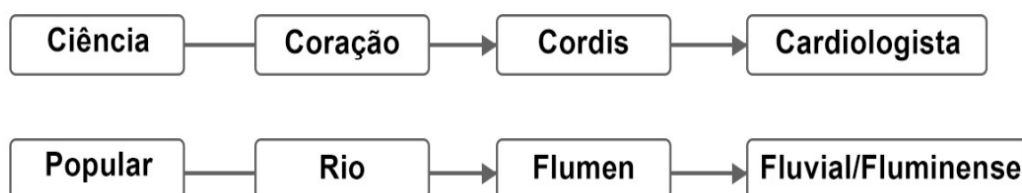
A citação exemplifica bem a riqueza da variedade linguística presente no português brasileiro. O Brasil tem uma imensa vastidão territorial e as modalidades de uma exploração intermitente e caprichosa já propiciavam, aliás por si só, uma complexa dialeção. De acordo com Câmara Jr. (1979, p. 31), no português no Brasil podem ter atuado “[...] substratos indígenas, não necessariamente tupi, e os falares africanos, na estrutura fonológica e gramatical. Também se verificam, por outro lado, sobrevivências de traços portugueses arcaicos, que não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais [...]”.

Nisso, se dá a necessidade de estudar o latim, haja vista que os fenômenos linguísticos apresentam entrelaçamentos entre diferentes povos e suas especificidades históricas culturais. Nesta direção, Ribeiro (2015, p. 09); “[...] a nossa ascensão social requer de nós um vocabulário mais ampliado, aprimorado, inclusive mais preciso. Essa precisão implica conhecer, segundo Platão, “a verdade da palavra”, isto é, seu étimo”.

Em relato, Saraiva (2016) *apud* Câmara Jr. (1975) comenta que sabe-se que a maioria do léxico utilizado no Brasil também é de origem popular e que a estruturação morfológica foi, na maioria das vezes, também determinada pelos termos populares, provenientes do latim vulgar.

Esse entendimento vai muito além de ensinamentos linguísticos escolares, a história por trás de cada fenômeno, tenta explicar também a existência da chamada inconsciência linguística, presente no falante português. O esquema a seguir, apresenta um exemplo dessa influência em termos científicos e em termos populares em sua fala cotidiana, quando o falante recupera fragmentos latinos.

Figura 6 - Léxico: científico e popular²



Fonte: Elaboração do autor, 2021.

O esquema apresentado acima na figura 6 retrata essa consciência e inconsciência presente na língua. É sabido que na medicina e na ciência, na maioria das vezes, são dados nomes ou influências latinas aos termos. Destarte, e na língua popular brasileira? Os falantes fazem algum estudo antes de criar esses termos com derivas? Não se sabe ao certo. Mas, nessa linha de entendimento que Oliveira (2009) salienta que;

[...] a possibilidade de um conhecimento intuitivo do falante ao qual ele recorre, mesmo que não viesse a ter acesso a compêndios gramaticais. Poder-se-ia, portanto, supor tratar-se de uma “bagagem”, também no nível morfológico, que o indivíduo possui da história de sua língua que é parte da sua própria história (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Essa presença chamada de inconsciente linguístico, como relatado ao longo deste trabalho, pode estar presente em cada indivíduo e não pode ser tratado como algo de certa forma banal. Já que, na língua, nada é por acaso. Pois, segundo Bagno (2007, p. 168); “tudo que acontece numa língua viva, falada por seres humanos, tem uma razão de ser”.

Em meio a essa temática retornamos, de maneira sucinta, ao mastigado discurso defendido e criticado por muitos teóricos do questionamento: “Latim vivo ou

² *Cordis*: do latim *cor/cordis* = Coração

Flumen: do latim *flumen* = Rio

Fluminense no português: (pessoa natural do Rio de Janeiro/RJ).

morto?”. Se o latim está morto, por que, muitas vezes, ainda o retomamos/resgatamos para criar ou derivar outras palavras? Como visto no entorno deste trabalhado.

Podemos lembrar que ele está mais vivo do que nunca, quando entregamos o *curriculum vitae* em empresas para conseguir emprego, quando fazemos cursos de pós-graduação *lato sensu* ou quando a universidade pode estar localizada em diferentes *campi* (SILVA, 2012 *apud* ARRUDA, 2009).

Porém, mesmo com esse entendimento, a introdução do ensino dessa língua na escola, é algo que antecede muitos obstáculos, como diz Ribeiro (2015) p. 04;

Não é apenas uma pedra no meio do caminho a entrar o aprendizado do latim. De início, pode-se dizer que, hoje, os ensinamentos fundamental e médio contemporâneos não constroem uma base humanística, em especial laica, que possibilite ao aluno o contato com outros valores e culturas capazes de aproximarem o aluno do latim. Isso sem contar as lacunas do ensino estrutural do próprio português. E assim, quando o aluno toma contato com o latim nos cursos de Letras que ainda o mantêm, geralmente parte-se do zero—pelo fato, quase sempre, da carência de base da gramática normativa da língua portuguesa por parte do alunado, mesmo sendo de nível superior. Como, aliás, tópicos da gramática latina são compreendidos pela comparação estabelecida com a língua materna, surgem as pedras no meio do caminho (RIBEIRO, 2015, p. 04).

Esse ensino com muito potencial, deveria ser mais valorizado no ensino básico, levando em conta o entendimento de que na língua, nada é por acaso. E todos, ou pelo menos quase todos, os fenômenos encontrados na língua portuguesa podem carregar consigo motivos históricos, sociais, culturais etc. Os quais, levam ao entendimento de que, para a tudo há um motivo, ou seja, nada é por acaso.

A seguir, após toda a discussão em torno do tema, representações gráficas e teóricas aqui abordadas, será apresentado o produto deste trabalho. O projeto abaixo, segue uma linha estrutural para ser aplicado pelo docente de LP no ensino básico, o qual pode ser inserido em diferentes séries do ensino básico, desde o ensino fundamental II ao ensino médio.

Quadro 1 – Estrutura projeto

PROJETO	
Título	Árvore Genealógica – Raízes da LP (Vocabulário).
Duração	05 horas-aulas (Síncronas e Assíncronas).
Justificativa	Visando trabalhar o raciocínio lógico e o conhecimento histórico de muitos termos presentes no Português. Traz a Língua Latina como

	algo que fora ensinado de maneira apenas implícita, como algo que passa a ser ensinado e transmitido nas aulas de LP de maneira mais clara. Apresentando, dessa forma, a retomada do “velho ao novo” ao ensino de língua.
Objetivos	Compreender, a partir da história da língua, como o Latim pode servir de facilitador no ensino de Língua Portuguesa; Mostrar as influências do Latim deixadas na Língua Portuguesa; Selecionar termos (adjetivos, substantivos, sinônimos etc.) e apresentar sua forma etimológica e seus significados históricos para saber a relação e a lógica por trás de muitos termos.
Culminância	1º O professor deve iniciar a conversação sobre língua materna e a sua importância para o ensino da LP. 2º Será apresentado algumas tabelas com palavras em latim e em português para iniciar a compreensão das influências e dos traços deixados diacronicamente na morfologia e no léxico da Língua Portuguesa. 3º Será Solicitado aos alunos uma busca ativa a respeito do tema apresentado. 4º Mostrar exemplo de uma árvore genealógica língua e, em seguida, solicitar a produção de uma árvore (Virtual ou em cartazes), seguindo os exemplos apresentados que contenham termos da língua portuguesa que foram influenciados ou tem traços deixados pelo latim, aprendendo assim, de maneira sucinta, a história etimológica da língua.
Metodologia	Abrangente (a atividade poderá ser realizada em dupla).
Avaliação	A partir da pesquisa, produção e apresentação dos trabalhos em forma de seminário. Os alunos serão avaliados individualmente.

Fonte: Elaboração do autor, 2021.

A atividade proposta no projeto, entorna a pesquisa a respeito das influências e dos traços do latim deixados no Português que, segundo Santos (2015) *apud* Furlan (2006) em entendimento as pesquisas desenvolvidas por Antenor Nascentes, por meio de dicionário etimológico da Língua Portuguesa, que publicado no ano de 1955, elenca muitos termos no português em que 96,7% dos vocábulos são de origem latina.

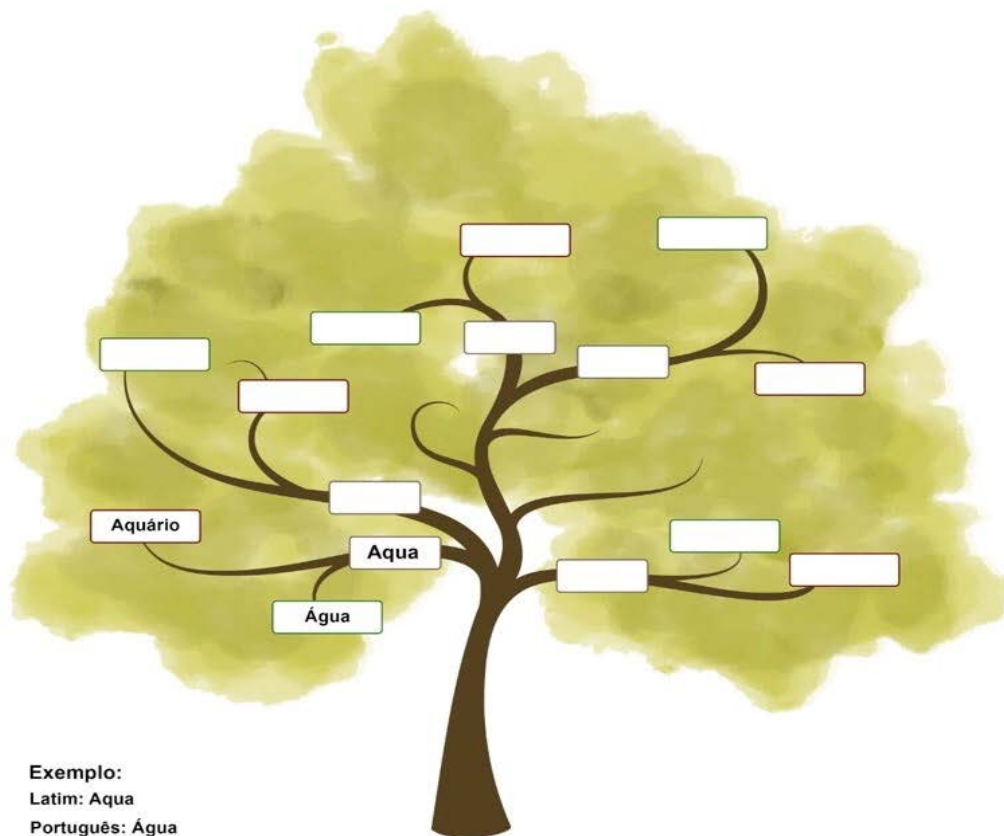
Nisso, no projeto ou em qualquer outro que tenha como tema o latim como instrumento de aprendizagem, deve sempre valer da ideia do para que realmente está língua é utilizada. É nessa linha que é inteligente validar as palavras de Napoleão Mendes de Almeida em sua obra “Gramática Latina” em relação a esse pensamento.

Não é para ser falado que o Latim deve ser estudado. Para aguçar seu intelecto, para tornar-se mais observador, para aperfeiçoar-se no poder de concentração de espírito, para obrigar-se à atenção, para desenvolver o espírito de análise, para acostumar-se à calma e à ponderação, qualidades imprescindíveis ao homem de ciência, é que o aluno estuda esse idioma (ALMEIDA, 2000, p. 8).

No entendimento da pesquisa como um todo, para o projeto destinado ao docente de LP, é interessante dizer que as tabelas apresentadas anteriormente aqui neste trabalho, podem ser utilizadas para exemplificação na aplicação do mesmo, assim como, a imagem a seguir que pode tornar-se exemplo ilustrativo para amostra da pesquisa e produção das atividades a serem realizadas pelos alunos.

Exemplos: **Figura 7 - Exemplo Árvore - Projeto**

Português: Água - Latim: Aqua
Termo influenciado: Aquático.
Lua – Luna – Lunático / Mãe – Mater – Materno / Coração – Cordis – Cardíaco.



Fonte: Elaboração do autor, 2021.

A figura 6 ilustra como a proposta solicitada no projeto pode ser desenvolvida, tanto em estrutura como em pesquisa dos termos que são solicitados para construção da árvore genealógica.

As atividades escolares destinadas ao ensino que envolve a língua latina, como a aqui proposta, fomentam também aspectos de aprendizagem que visam trabalhar o raciocínio e um conhecimento completo daquilo que fora ensinado nas escolas. Sobre isso, Almeida (2000, p. 09) salienta que; “raciocinar é, partindo de idéias conhecidas, diferentes, chegar a uma terceira, desconhecida, e é o Latim, quando estudado com método, calma e ponderação, o maior fator para aguçar o poder de raciocínio do estudante, tornando-lhe mais claras e firmes as conclusões”.

Levando em conta o ensino-aprendizagem que rodeia as ideias aqui apresentadas, é possível concluir, segundo Santos (2015) que o latim não pode ser deixado de lado nas aulas de Língua Portuguesa.

Nesse sentido, chegamos a algumas conclusões: quando uma língua renuncia suas origens, torna-se incompleta; “apaga” sua história e não dá respostas concretas a seu povo, o porquê fica em segundo plano, assim como seu autor. É justamente por esta falta de observação que o Latim está “esquecido” nas salas de aula de Língua Portuguesa, o conteúdo é meramente “repassado”. Em muitos momentos, o ensino não fomenta as causas, um dos fatores que desmotivam a aquisição do saber, por parte do aluno, e implica certa dificuldade para uma aprendizagem crítica da Língua Portuguesa (SANTOS, 2015, p. 66).

Portanto, em resumo do que fora relatado, é necessário salientar que para a aplicação do projeto nas escolas no Brasil, será preciso que o professor regente seja formado em Letras vernáculas, ou que tenha conhecimento teórico sobre língua materna e suas ramificações etimológicas do Latim para a Língua Portuguesa.

A atividade enquanto projeto, carrega consigo uma proposta elaborada levando em conta o pouco uso, ensino e saberes que os alunos carregam a respeito do latim. Por isso, como algo que não é ensino no dia a dia nas escolas, torna-se um saber pouco conhecido e que é indicado a ser aplicado como pesquisa extra, já que precisamos validar o pouco conhecimento sobre o tema por parte dos educandos. Porém, nunca perdendo ou diminuindo a sua importância de ser trazido com mais frequência para as aulas de LP.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido por meio da pesquisa que fora salientado neste trabalho, destinou-se a uma visão que buscou proporcionar aos docentes e educandos atividades significativas que fogem do solicitado no ensino tradicional. Com o intuito de oferecer conhecimento válido e necessário as aulas LP por meio da utilização do latim.

Por meio dos aspectos mencionados ao decorrer deste trabalho, percebeu-se a ambição em estudar e discutir as relações e os processos existentes entre a língua portuguesa e a língua latina. Nisso, foi possível entender que a língua portuguesa, além de ser rica em diversidades culturais, a qual, muitas vezes, resulta nas variações linguísticas, também funciona como um precursor de criação de léxico inigualável, que mesmo diante do novo, ainda retoma, muitas vezes, ao velho para criação de novos vocábulos.

Nisso, através das análises desenvolvidas ao decorrer do trabalho, conclui-se que as relações entre o falante e a língua perpassam por diversas influências de acordo com o ambiente social, cultural, regional e econômico que estão inseridos. Questões essas, que dão origem a algumas variações linguísticas, as quais são possíveis identificar e justificar suas marcas de influência no resgate da língua latina.

As variações enquanto entendimento de fatores históricos, quando não são compreendidas como diferenças justificáveis são levadas para outro viés. Muitas vezes, por falta de informação acabam gerando ofensas, reprovações e desrespeito, que resulta no paradigma do preconceito linguístico, o qual devemos procurar combater desde o ensino básico, na escola e repudiando todas suas manifestações na sociedade. Já que, como a língua é viva e passa por constantes processos de evolução e transformações.

Pois, segundo Bagno (2007), muitos desses termos ainda sobrevivem, de alguma forma, nos falantes na sociedade como um tipo de “concorrência” e “co-ocorrência” da forma etimológica. E esse entendimento nos leva a conhecer e a não julgar mais como o designado erro.

É nesse sentido que este trabalho se torna relevante para meios profissionais e educativos, porque é na sala de aula que devem se iniciar esses esclarecimentos da língua portuguesa à medida que se é explicada e exposta como um todo, isto é, como um instrumento poderoso.

Saber que a maioria dos termos que formam a língua que falamos, a língua portuguesa, são constituídos por traços da língua que chamamos de mãe, nunca foi tão necessário para o ensino nas aulas de LP. Mostrar a raiz da palavra, sua história, ou seja, seus procedentes, dá ao ensino uma razão; a de conhecer o conhecimento por completo.

Levar aos alunos o motivo de muitos porquês jamais respondidos nas aulas de LP, possibilitando um ensino-aprendizagem que permeia um infinito horizonte de conhecimento quase nunca, senão nunca, oferecido em sala de aula. É isto que o latim pode oferecer enquanto ferramenta didática no ensino.

Nisso, a partir dos aspectos aqui apresentados, fica notável a importância do ensino de uma educação linguística voltada para a língua materna. Além de quebrar paradigmas traz um conhecimento maior que o mero gramatical, mostra a língua como algo que vai além dos muros da escola, ou seja, a língua que está presente no nosso dia a dia.

Por fim, mesmo que tenhamos conhecimento de que é importante valorizar a norma culta com a sua padronização mundial, mantendo um padrão de língua, também faz-se necessário levar para a escola um ensino que seja voltado para a educação linguística, que trabalhe a língua a partir de seus traços linguísticos deixados sincronicamente e diacronicamente na história. História essa, muitas vezes, firmada em torno da etimologia latina.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. et al. **Língua Materna: Letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**: O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- BEVILÁQUA, Kayron Campos. APPENDIX PROBI E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. Curitiba, vol.2, nº2, jan. 2jun. ISSN:231821028, **Rev. VERSALETE**, 2014.
- BOAS, Cristiane Max Serra Vilas. HUNHOFF, Dall'Comune. Um estudo sobre a origem da língua portuguesa: do latim à contemporaneidade, contexto poético e social. **Rev. MOINHOS**, Tangará da Serra, v.4, n.4, 2014.
- BORTOLANZA, João. Corpus da Poesia Latina de Antônio de Castro Lopes. Tese de Doutorado, **Rev. CLASSICA**, São Paulo, v.9/10, p-224-232, 1996-1997.
- CÂMARA JR, Joaquim M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria e Editora Ltda, 1979.
- CARVALHO, Dolores Garcia e NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica** – 2 ed. São Paulo, Ática, 1966.
- CATROLA, Maria Margarida Bernardino. **A IMPORTÂNCIA DO LATIM NOS PROGRAMAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO**. 70 p. Universidade Fernando Pessoa. Porto, 2017.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- ELIA, Sílvia. **Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil**. 1ª ed. Vídeo Livraria, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto, 1950 - **Lingüística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FERREIRA, Fátima. **Didática do Latim: reflexões e tendências**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019.
- FIORIN, José Luiz Fiorin. **Introdução à Lingüística**. vol. 1, Editora Contexto, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Eliana Correia Brandão. A filologia e o estudo histórico das línguas românicas. **Anais do XXII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Cadernos do CNLF, vol. XXII, n. 03, Textos Completos, Tomo II. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2011.

HECK, Maria Regina Diniz. **O ENSINO DO LATIM NO BRASIL: objetivos, método e tradição**. 36 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Instituto de Letras. Tese de mestrado. Porto Alegre, 2013.

HOLANDA, Raimundo de Assis. O latim e o ensino da língua portuguesa. **Academia Cearense de língua portuguesa**. Ceará, 2019. Disponível em: <<https://aclp.com.br/o-latim-e-o-ensino-da-lingua-portuguesa/>>. Acesso em: 10 de Abril de 2021.

JESUS, Sérgio Nunes de. Contextualização histórica do léxico da língua latina: (A constituição linguística e suas variantes formais). **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS**. Maringá, p. 2070- 2087, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARGOTTI, Felício Wessling. MARGOTTI, Rita de Cássia Mello Ferreira. **Morfologia do Português**. UFSC, UAB – Florianópolis, 2011.

MARTINS, Ceila Ferreira. **Filologia, Filologia Românica e Crítica Textual**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/scripta_philologica/01/Filologia,_Filologia_Rom%C3%A2nica_e_Cr%C3%ADtica_Textual.pdf>. Acesso em: 20 de Abril de 2021.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, Pedro Antonio Gomes. Linguagem e ensino: a língua latina curricular e atividade docente no curso de Letras. **Revista EnsiQlopédia**, Vol. 10, nº 1, Osório, 2013.

MOURA, José Sérgio A. de. O ensino da variação linguística em sala de aula. In: VI Encontro de pesquisa em Educação de Pesquisa em Educação em Alagoas – **EPEAL**, Anais, Alagoas, 2011.

MULLER, Munniky. FILOLOGIA E LINGÜÍSTICA: ENCONTROS E DESENCONTROS. **SOLETRAS**, Ano X, Nº 19, jan./jun. São Gonçalo: UERJ, 2010.

OLIVEIRA, J. C. M. **Língua, Filologia e o (in)consciente lingüístico**. In: II Seminário de Estudos Filológicos, Feira de Santana. Filologia e História: Múltiplas Possibilidades de Estudo. Salvador/Ba: Quarteto Editora, 2009. p. 45-59.

PATRIOTA, Luciene Maria. PEREIRA, Paulo Ricardo Ferreira. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Rev. Letras Raras**. ISSN: 2317-2347 – v. 7, n. 2, 2018.

RIBEIRO, Dulce Helena Pontes. **Agoniza no Brasil o ensino do latim**. 2015.

Disponível em:

<<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/21/19>>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas/colaboradores:** PERES, J. A.S.; WANDERLEY, J. C. V.; CORREIA, L. M.; PERES, M. H. M. São Paulo, Atlas, 1999.

SANTOS, Clemilton Pereira dos. A língua latina e o ensino de língua portuguesa: questões de ensino de língua materna sete décadas depois do acordo MEC/USAID. **VERBUM**, n. 9, p. 55-68, jul. 2015.

SARAIVA, Zumira Gomes. **Formação de palavras: o latim vulgar na sala de aula do ensino fundamental II**. 2016. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2016.

SILVA, José Pereira da. A IMPORTÂNCIA DO LATIM PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Revista Philologus**, Ano 18, N° 54. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2012.

TAMASIRO, Cristina Tamiko. **Língua portuguesa, compreensão e produção de textos a língua e suas variações**. Faculdade de educação são luís núcleo de apoio: Santa cruz – SP Jaboticabal – SP, 2011.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. A românia antiga: o contato de culturas e a formação das línguas românicas. **Anais do XXII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Cadernos do CNLF, vol. XXII, n. 03, Textos Completos. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

VIEIRA, Kátia Simone Costa. Uma reflexão teórica acerca do preconceito linguístico e o ensino da língua materna. **Revista Eletrônica de Educação de Alagoas**. Volume 01. Nº 01. 1º Semestre de 2013.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Licenciatura em Letras-Libras, Florianópolis, 2008.



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO REVISOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Anexar documento comprobatório de habilidade com a língua, exceto quando revisado pelo orientador.

Eu, Adriene Evangelista dos Reis,
declaro inteira responsabilidade pela revisão da Língua Portuguesa do Trabalho de Conclusão
de Curso (Monografia), intitulado:

"Na língua, nada é por acaso": a etimologia
latina como ferramenta didática no ensino
de LP

a ser entregue por Vitória Rêgo da Silva Leiteza,
acadêmico (a) do curso de Letras.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade
no que se refere à revisão do texto escrito no trabalho.

Paripiranga, 09 de julho de 2021.

Adriene Evangelista dos Reis
Assinatura do revisor



Avenida Universitária, 23
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Júnior, BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,
270 Várzea dos Cágados
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,
701, Bairro Pedra Branca, BR 324
Jacobina (BA)

Rua Dr. Ângelo Dourado,
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.



TERMO DE RESPONSABILIDADE

RESERVADO AO TRADUTOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: INGLÊS, ESPANHOL OU FRANCÊS.
Anexar documento comprobatório da habilidade do tradutor, oriundo de IES ou instituto de línguas.

Eu, Aurelia Emilia de Paula Fernandes,
declaro inteira responsabilidade pela tradução do Resumo (Abstract/Resumen/Résumé)
referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), intitulada:

**“NA LÍNGUA, NADA É POR ACASO”: A ETIMOLOGIA LATINA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA
NO ENSINO DE LP**

a ser entregue por Vitória Régia da Silva Feitoza,
acadêmico (a) do curso de Licenciatura em Letras.

Em testemunho da verdade, assino a presente declaração, ciente da minha responsabilidade
pelo zelo do trabalho no que se refere à tradução para a língua estrangeira.

Paripiranga, 09 de julho de 2021.

Aurelia Emilia de Paula Fernandes

Assinatura do tradutor



Avenida Universitária, 23
Parque das Palmeiras Cidade Universitária
Prof. Dr. Jayme Ferreira Bueno Paripiranga - BA

BR 116 - KM 277
Tucano - BA

Rodovia Lomanto Júnior, BR 407 - Centro
Caixa postal nº 165 Senhor do Bonfim - BA

Rodovia Antônio Martins de Menezes,
270 Várzea dos Cagados
Caixa postal nº 125 Lagarto - SE

Avenida Universitária,
701, Bairro Pedra Branca, BR 324
Jacobina (BA)

Rua Dr. Ângelo Dourado,
nº 27 - Irecê-BA, 44900-000.